



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20 - N. 12 - Décimo segundo levantamento | **SETEMBRO 2020**



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Soria Bastos Filho

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Cláudio Rangel Pinheiro

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio de Zen

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Andrezza Lima Coelho Cardoso (estagiária)

Carlos Eduardo Meireles de Oliveira (estagiário)

Davi de Paula Granato Valin (estagiário)

Fernando Arthur Santos Lima

Giuseppe Fernandes Martins Cortizo (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20- N. 12 - Décimo segundo levantamento |
SETEMBRO 2020

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 7 - Safra 2019/20 - Décimo segundo levantamento, Brasília, p. 1-68, setembro 2020.

Copyright 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo).

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leonidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hécio de Melo Freitas, Thiago Pires de Lima Miranda, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sousa Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PRO); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac) / Gerência de Eventos e Promoção Institucional

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Início: Lavoura de algodão - Cristalina/GO (Bruno Nogueira) - Final: Colheita do algodão - Sureg/MS

Normalização

Thelma das Graças Fernandes Souza – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivos e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

SUMÁRIO



1. Resumo executivo	8
----------------------------	----------



2. Introdução	10
----------------------	-----------



3. Estimativa de área, produtividade e produção	12
--	-----------



4. Análise climática - Inmet	21
-------------------------------------	-----------



5. Análise das culturas	25
--------------------------------	-----------

5.1. Culturas de verão	25
5.1.1. Algodão	25
5.1.2. Amendoim	27
5.1.3. Arroz	28
5.1.4. Feijão	31
5.1.5. Gergelim	39
5.1.6. Girassol	39
5.1.7. Mamona	39
5.1.8. Milho	40
5.1.9. Soja	45
5.1.10. Sorgo	49
5.2. Culturas de inverno	51
5.2.1. Aveia	51
5.2.2. Canola	52
5.2.3. Centeio	52
5.2.4. Cevada	52

5.2.5. Trigo -----	52
5.2.6. Triticale -----	54



6. Balanço de oferta e demanda -----	55
6.1. Algodão -----	55
6.2. Arroz -----	56
6.3. Feijão -----	56
6.4. Milho -----	56
6.5. Soja -----	57
6.6. Trigo -----	58



7. Calendário agrícola de plantio e colheita -----	60
---	-----------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2019/20

Produção recorde, estimada em 257,8 milhões de toneladas. Esse volume é 4,5% ou 11 milhões de toneladas acima do obtido na safra anterior. O aumento de 4,2% na área plantada, aliado ao ganho de 0,3% na produtividade, justificam esse resultado positivo.

A consolidação desse resultado ainda depende das culturas de inverno, sobretudo do trigo, que se encontram em vários estádios, desde a fase vegetativa à colheita, além das culturas na região de Sealba (Sergipe, Alagoas e nordeste da Bahia), Pernambuco e Roraima, que se encontram em fase de colheita.

Algodão: com mais de 90% da área colhida, a produção de pluma, estimada em 2,93 milhões de toneladas, é 4,2% superior à safra passada. O clima seco, neste período de colheita nas regiões produtoras, contribui para a manutenção da safra recorde.

Arroz: produção estimada em 11,2 milhões de toneladas, 6,7% superior ao volume produzido na safra passada. Dessas, 10,3 milhões de toneladas em áreas de cultivo irrigado e 0,9 milhão de toneladas em áreas de plantio de sequeiro. Colheita praticamente concluída.

Feijão total: colheita das culturas de primeira e segunda safras concluídas. No momento, as atenções são para a terceira safra, que se encontra em fase final de ciclo. A produção total para os três tipos de feijão é estimada em 3,23 milhões de toneladas, é 7% maior que o obtido em 2018/19. Dessa produção,

2.008 mil toneladas são de feijão-comum cores, 712,6 mil toneladas de feijão-caupi e 509,5 mil toneladas de feijão-comum preto.

Milho total: produção recorde de 102,5 milhões de toneladas. A primeira safra tem a colheita finalizada, e a de segunda safra em processo de finalização. Para o fechamento da safra restam as lavouras cultivadas na região do Sertão, além dos cultivos em Pernambuco e Roraima, que representam 1,7% da produção nacional de milho.

Soja: o Brasil é o maior produtor mundial, a produção é recorde, estimada em 124,8 milhões de toneladas, ganho de 4,3% em relação à safra 2018/19. Colheita finalizada.

Culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada trigo e triticale): crescimento de 11,6% na área de cultivo. Os estádios das lavouras vão desde a fase de desenvolvimento vegetativo à colheita. Destaque para o trigo, que apresenta expressivo crescimento na área, 14,1%, situando-se em 2,33 milhões de hectares, e a produção, dependendo do comportamento climático, em 6,8 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

Dentre as suas atribuições, a Conab tem a tarefa de levantar, consolidar e divulgar as informações referentes ao tamanho da safra agrícola brasileira, com periodicidade mensal, obedecendo a um calendário previamente divulgado para a sociedade.

Esse trabalho é realizado com ferramentas de geotecnologia e também por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, distribuídas em todos os estados, que se deslocam para as zonas produtoras e contatam aproximadamente 900 informantes cadastrados, que formam a base da pesquisa. Essa é a estrutura montada pela Conab para se elaborar os levantamentos que se tornaram referência internacional na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro.

Nesta edição em que se consolidam os números da safra 2019/20, a Conab divulga a revisão também de safras anteriores de soja. O processo de revisão representa a aplicação de metodologias aprimoradas aos dados também dessas outras safras.

A análise estatística foi a melhor ferramenta encontrada, tendo em vista que a Conab realiza o acompanhamento em todas as Unidades da Federação e, assim, pôde aplicar a mesma análise em todas as regiões produtoras. Com isso, identificamos a mudança de patamar de produtividade – a partir da safra 2015/16 – e iniciamos análise fundamentada dos dados desde a temporada 2013/14, a fim de avaliar informações em realidades distintas. Para validação desses

dados finais (pós-colheita), foi utilizada metodologia de análise das medidas de posição e dispersão dos dados.

As safras revisadas estão na série histórica da Conab, disponível no site da Companhia (<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>).



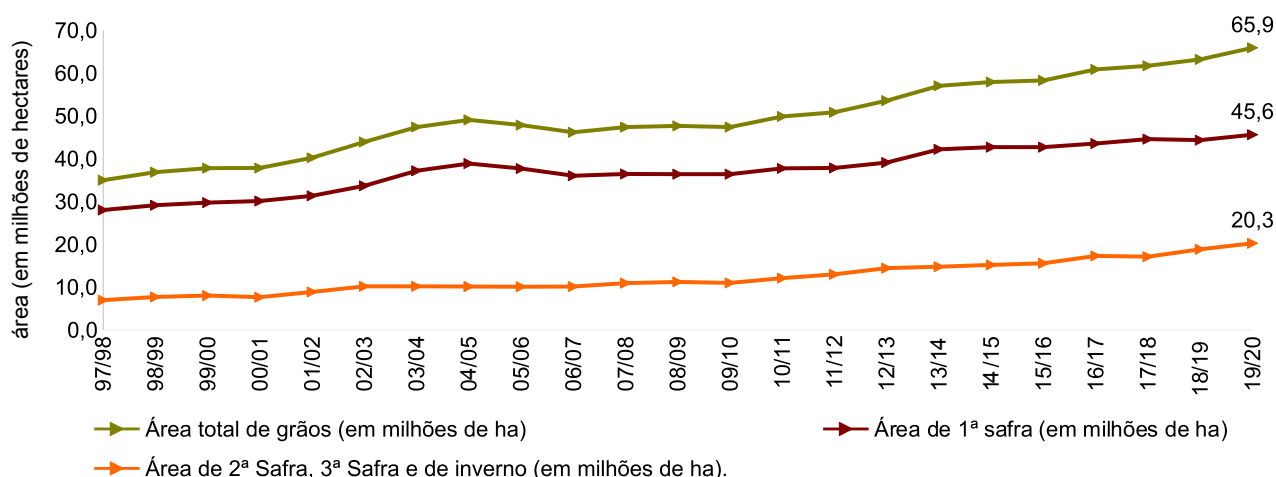


3. ESTIMATIVA DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

A temporada 2019/20 chega ao seu final, com uma área semeada de 65.911,4 mil hectares. A soja, milho, trigo, sorgo e algodão foram os principais produtos com aumento de área.

Ressalta-se que o Brasil é um país de proporções continentais, com uma ampla variedade climática e de terrenos, que, graças às técnicas de cultivo implantadas, desde o manejo do solo, passando pela tecnologia de sementes e executada com máquinas modernas, além da mão de obra qualificada, torna o país com a peculiaridade de poder produzir até três safras de grãos, utilizando a mesma área.

Gráfico 1 – Brasil - Comportamento da área cultivada



Fonte: Conab.

Na primeira safra, as culturas ocuparam uma área de 45,6 milhões de hectares. As lavouras de segunda e terceira safras, além das culturas de inverno, são cultivadas em 20,3 milhões de hectares, a maior parte realizada com o aproveitamento de áreas já cultivadas anteriormente. Boa parte do aumento de área ocorreu em culturas de segunda e terceira safras, além das de inverno. Na safra passada, a área total foi de 63,2 milhões de hectares, desses, 18,9 milhões eram dessas culturas, representando um aumento de 7,4% em relação à safra passada, enquanto o aumento de área com as culturas de primeira safra foi de 2,9%.

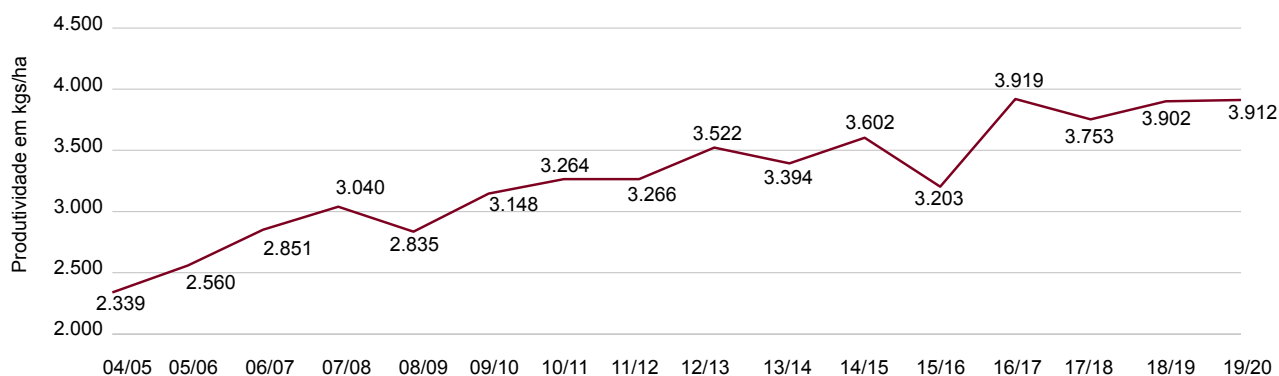
As culturas de primeira safra, apesar da prorrogação da semeadura por conta do atraso das chuvas iniciais, de maneira geral, apresentaram boas respostas às condições climáticas e rendimentos superiores aos da safra passada. As lavouras de soja e milho apresentaram bom desempenho, com exceção do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em compensação, o clima para o arroz foi excelente nesses estados, resultando na maior produtividade média de arroz da série histó-

rica da Conab.

Para as culturas de segunda safra, a menor janela de plantio na Região Centro-Sul, resultante do atraso da semeadura das culturas de primeira safra, influenciou no rendimento das lavouras. O milho e o feijão semeados nessa época foram os principais produtos prejudicados, sobretudo no Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Goiás. Com a colheita finalizada, os resultados apurados mostraram o impacto que a semeadura fora da janela ideal resultou.

As culturas de inverno e de terceira safra continuam sendo acompanhadas até a finalização da colheita. Na Região Centro-Oeste boa parte dessas áreas é irrigada, mitigando riscos climáticos. A expectativa fica por conta das culturas de inverno e as lavouras de terceira safra, sobretudo as da Soja. Para as culturas de inverno, as condições climáticas do último mês prejudicaram o potencial produtivo dessas lavouras, que estavam com grande expectativa devido às condições climáticas iniciais.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade – Total Brasil



Fonte: Conab.



Com o aumento de área das principais culturas e o bom rendimento das lavouras de soja, algodão e arroz, além da expectativa de uma boa safra para as culturas de inverno, explicam a produção recorde, de

3.1. ALGODÃO

A colheita está praticamente finalizada, com cerca de 95% da área total colhida. Com as condições climáticas favoráveis e o bom pacote tecnológico empregado, a cultura apresentou um bom rendimento. A produção de pluma aumentou 4,2% em relação à safra passada.

Os dois principais estados produtores, Mato Grosso e Bahia, cultivaram mais de 88% da área de algodão nesta safra.

Em Mato Grosso, a colheita avança para o final, e o excelente desempenho foi se confirmando. Fatores que concorrem para o resultado são os altos investimentos aplicados à cultura e condições climáticas favoráveis, com precipitações na medida ideal para a consecução do potencial produtivo do algodoeiro, tendo em vista que, neste ciclo, não houve casos de

3.2. ARROZ

A produção nesta safra foi estimada em 11,2 milhões de toneladas, representando aumento de 6,7% em relação à safra passada. A área plantada sofreu redução de 2,2%, como vem acontecendo nas últimas safras. Apesar da redução da área cultivada nos últimos anos, a proporção do plantio de arroz irrigado gera uma maior produtividade, o que vem permitindo a manutenção da produção ajustada ao consumo nacional.

O maior produtor de arroz do país, Rio Grande do Sul, teve a safra 2019/20 marcada por um início repleto de

3.3. FEIJÃO

Com a possibilidade de plantio em até três momentos durante a temporada, o feijão tem uma produção estimada em 3,2 milhões de toneladas nesta safra.

Na primeira safra, a área foi estimada em 914,5 mil hectares, retração de 0,9% em relação à safra passada. O bom desempenho do clima nos principais estados produtores contribuiu para que a produção atingisse 1.105,6 mil toneladas, 11,8% acima do produzido na última safra.

O feijão segunda safra foi cultivado em 1.424 mil hectares, aumento de 0,4% em relação à safra passada, e teve o rendimento, sobretudo do comum cores e comum preto, afetado pelas condições climáticas ad-

257,8 milhões de toneladas de grãos na atual temporada, apresentando variação positiva de 4,5% em relação à safra anterior.

apodrecimento do baixeiro da planta, a exemplo do ocorrido no último ano, como decorrência do excesso de chuvas.

Na Bahia, o plantio das lavouras de sequeiro foi finalizado em meados de janeiro e o plantio irrigado no final de fevereiro, visto que as lavouras semeadas em dezembro foram ameaçadas com o veranico ocorrido na última quinzena de dezembro de 2019, mas não foram constatadas perdas. Durante os meses de desenvolvimento vegetativo foi quantificado a presença de bicudo, com incidência acima do observado na safra passada, controlado de forma eficiente e sem causar danos na fase reprodutiva. As chuvas ocorridas em abril causaram perdas pontuais, com a apodrecimento dos baixeiros nas lavouras semeadas no final de novembro, não comprometendo a safra.

preocupações em razão do atraso na semeadura, devido ao excesso de chuvas, trouxe uma preocupação com a redução do potencial produtivo, como já verificado em safras anteriores. No entanto, a ocorrência de uma severa seca no período que foi desde dezembro, em algumas regiões, mas notadamente de janeiro a maio em todo o estado, proporcionou condições de alta luminosidade e temperaturas acima da média para o período, que acabaram por favorecer muito a cultura do arroz, resultando em uma produtividade final acima do esperado inicialmente, além de ser obtido um novo recorde para o estado.

versas. A produção é de 1.244,7 mil toneladas, e redução de 4,3%, comparando-se ao ocorrido no exercício anterior.

A terceira safra foi semeada em uma área estimada em 588,2 mil hectares. A maior parte do cultivo é realizado no Nordeste, enquanto o Centro-Sul do país deverá obter a maior produção em razão do elevado pacote tecnológico utilizado. A estimativa é de uma boa produção nesta safra, estimada em 879,8 mil toneladas, aumento de 20,9% em relação à safra passada.

A Bahia é o principal produtor de feijão na terceira safra. São cultivadas lavouras de feijão-comum cores e feijão-caupi, manejadas por pequenos e médios pro-



dutores, concentrados na região nordeste da Bahia. A produção destinada ao comércio atacadista é estimada em 32,1% da área cultivada, com a expectativa de produzir 140 mil toneladas. Já a produção destinada à subsistência está estimada em 67,9% da área cultivada, com a expectativa de produzir 72 mil toneladas. Essa produção é caracterizada por práticas agrícolas

3.4. MILHO

A estimativa de produção de milho nesta temporada, considerando as três safras, é de 102,5 milhões de toneladas, representando um acréscimo de 2,5% em relação ao exercício anterior.

A área de milho primeira safra na temporada 2019/20 atingiu 4,2 milhões de hectares, 3,2% maior que a área cultivada na última safra. Problemas climáticos na Região Sul prejudicaram o potencial produtivo das lavouras, sobretudo as do Rio Grande do Sul, reduzindo a produtividade média do país em 3%, comparada à safra passada.

Na segunda safra, o quadro climático apresentado na Região Centro-Sul impactou o rendimento das lavouras, pois, com exceção de algumas regiões, não conseguiram expressar todo o seu potencial produtivo. Apesar do rendimento prejudicado, a produção foi 2,6% maior que na safra 2018/19, compensado pelo incremento na área cultivada. A colheita está praticamente encerrada, com cerca de 90% concluído, faltando colher áreas em Mato Grosso do Sul e Paraná.

A terceira safra de milho, caracterizada por apresentar um calendário produtivo semelhante ao do hemisfério norte, tem a produção estimada em 1.758,7 mil tone-

3.5. SOJA

Com a revisão das safras de soja e a colheita finalizada nas principais regiões produtoras, restando 0,1% da produção estimada a acontecer em Roraima e Alagoas, a produção no país, nessa safra, foi de 124,8 milhões de toneladas, recorde histórico, representando

3.6. TRIGO

A principal cultura de inverno no país tem a estimativa de incremento de área de 14,1%, quando comparada à safra passada, em razão dos preços atrativos e do comportamento do clima, que incentivaram o cultivo no Sul do país, resultando em uma produção estimada em 6,8 milhões de toneladas. A produtividade deve ser maior que na última safra, sobretudo pela recuperação do rendimento no Paraná, principal estado produtor.

manuais e pouca utilização de fertilizantes e defensivos, mas garante a segurança alimentar das famílias agrícolas espalhadas pelo sertão da Bahia, que mesmo sendo de perfil agrícola, possui grande percentual de acesso aos programas assistências de renda do governo federal. A colheita foi iniciada, e evolui em 60% da área cultivada.

ladas. Tendo como núcleo as lavouras da Sealba, que compreende as áreas produtoras situadas no nordeste da Bahia, Sergipe e Alagoas, e as situadas em Pernambuco e em Roraima, apresentam área de 532,2 mil hectares, aumento de 4,1% em relação à safra passada.

Em Sergipe, em virtude do bom regime de chuvas, a produção será uma das maiores já alcançadas pelo estado. As lavouras estão muito bem desenvolvidas e mantém o alto potencial produtivo.

No nordeste da Bahia, a boas condições hídricas durante todo o ciclo vegetativo e produtivo, com a ausência de estiagem, está garantindo produtividade média recorde. A colheita foi iniciada no manejo conduzido por pequenos produtores, e evolui em 20% da área total, devendo se estender até dezembro. Cerca de 77% da produção de milho terceira safra é produzida com a utilização de elevado aporte tecnológico e essa produção é destinada à produção de proteína animal (aves e suínos) da Bahia e demais estado da Região Nordeste. Os outros 23% da produção são cultivados com menor uso de tecnologia, por pequenos produtores, sendo destinada à subsistência das famílias, visando a alimentação do próprio rebanho e a venda nos circuitos curtos de comercialização.

um acréscimo de 4,3% em relação ao exercício passado. Apesar do forte impacto causado pelo desempenho da safra no Rio Grande do Sul, essa foi a terceira maior produtividade média registrada no país.

As estimativas para o trigo seguem otimistas. As lavouras cultivadas em regime de sequeiro na Região Centro-Oeste, diferentemente do ocorrido na safra passada, em que houve forte pressão de Brusone, devem resultar em um melhor rendimento. As lavouras irrigadas seguem em boas condições.

Na Região Sul, depois de enfrentar uma expressiva redução na produção de soja e milho, a área aumentou



15,9% em comparação à safra passada. A ocorrência de uma frente fria em agosto prejudicou o potencial produtivo das lavouras, que poderia ser maior que o estimado atualmente.

No Paraná, principal produtor, a colheita iniciou. A grande maioria das lavouras são classificadas como em boas condições, em que pese a ocorrência de geadas que atingiram parte da cultura nas regiões oeste e sudoeste, principalmente em áreas de baixada. Na região norte do estado, onde a semeadura é realizada mais cedo, parte das lavouras foi semeada em período seco, tendo havido também prejuízos em algumas delas por chuvas muito fortes, rajadas de vento e granizo. Relata-se também, nessa região, a ocorrência de chuvas acima da média para agosto. As lavouras que não foram impactadas pelas citadas

intempéries, em virtude da região ou do estágio fenológico, quando dessas ocorrências, estão em boas condições, e deverão apresentar boas produtividades.

No Rio Grande do Sul, as condições para o desenvolvimento da cultura em agosto eram muito boas, favorecendo o desenvolvimento vegetativo das plantas e indicando um ótimo potencial produtivo. Porém, a incursão de uma frente fria causou uma acentuada queda na temperatura, causando, até mesmo, a ocorrência de neve nos pontos mais altos. Foram registradas temperaturas negativas e a formação de geadas generalizadas e com intensidade forte. Isso coincidiu com o período crítico para a cultura do trigo, impactando no potencial produtivo.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Ago/2020 (b)	Set/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.618,2	1.670,9	1.665,7	(0,3)	2,9	(5,2)	47,5
AMENDOIM TOTAL	146,8	160,5	160,5	-	9,3	-	13,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	139,8	153,3	153,3	-	9,7	-	13,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	7,0	7,2	7,2	-	2,9	-	0,2
ARROZ	1.702,5	1.665,9	1.665,8	-	(2,2)	(0,1)	(36,7)
ARROZ SEQUEIRO	346,6	367,0	366,9	-	5,9	(0,1)	20,3
ARROZ IRRIGADO	1.355,9	1.298,9	1.298,9	-	(4,2)	-	(57,0)
FEIJÃO TOTAL	2.922,2	2.920,7	2.926,7	0,2	0,2	6,0	4,5
FEIJÃO TOTAL CORES	1.311,6	1.271,8	1.280,3	0,7	(2,4)	8,5	(31,3)
FEIJÃO TOTAL PRETO	334,4	338,5	338,6	-	1,3	0,1	4,2
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.276,2	1.310,4	1.307,8	(0,2)	2,5	(2,6)	31,6
FEIJÃO 1ª SAFRA	922,6	914,5	914,5	-	(0,9)	-	(8,1)
CORES	376,2	365,9	365,9	-	(2,7)	-	(10,3)
PRETO	169,8	162,4	162,4	-	(4,4)	-	(7,4)
CAUPI	376,6	386,2	386,2	-	2,5	-	9,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.418,6	1.426,6	1.424,0	(0,2)	0,4	(2,6)	5,4
CORES	442,2	407,1	407,1	-	(7,9)	-	(35,1)
PRETO	153,5	159,6	159,6	-	4,0	-	6,1
CAUPI	811,2	859,9	857,3	(0,3)	5,7	(2,6)	46,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	581,0	579,6	588,2	1,5	1,2	8,6	7,2
CORES	493,2	498,8	507,3	1,7	2,9	8,5	14,1
PRETO	11,1	16,5	16,6	0,6	49,5	0,1	5,5
CAUPI	76,7	64,3	64,3	-	(16,2)	-	(12,4)
GERGELIM	53,0	175,0	175,0	-	230,2	-	122,0
GIRASSOL	62,8	50,5	47,1	(6,7)	(25,0)	(3,4)	(15,7)
MAMONA	46,6	45,5	45,5	-	(2,4)	-	(1,1)
MILHO TOTAL	17.492,9	18.505,0	18.525,8	0,1	5,9	20,8	1.032,9
MILHO 1ª SAFRA	4.103,9	4.235,8	4.235,8	-	3,2	-	131,9
MILHO 2ª SAFRA	12.878,0	13.735,8	13.757,3	0,2	6,8	21,5	879,3
MILHO 3ª SAFRA	511,0	530,8	532,2	0,3	4,1	1,4	21,2
SOJA	35.874,0	36.949,0	36.949,8	-	3,0	0,8	1.075,8
SORGO	732,3	830,5	835,2	0,6	14,1	4,7	102,9
SUBTOTAL	60.651,3	62.970,9	62.996,6	-	3,9	25,7	2.345,3
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Ago/2020 (b)	Set/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	398,0	430,8	429,7	(0,3)	8,0	(1,1)	31,7
CANOLA	34,0	35,2	35,2	-	3,5	-	1,2
CENTEIO	4,0	4,7	4,7	-	17,5	-	0,7
CEVADA	118,8	112,7	102,5	(9,1)	(13,7)	(10,2)	(16,3)
TRIGO	2.040,5	2.329,2	2.327,2	(0,1)	14,1	(2,0)	286,7
TRITICALE	15,6	15,5	15,5	-	(0,6)	-	(0,1)
SUBTOTAL	2.610,9	2.928,1	2.914,8	(0,5)	11,6	(13,3)	303,9
BRASIL	63.262,2	65.899,0	65.911,4	-	4,2	12,4	2.649,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2020.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Ago/2020 (b)	Set/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.606	2.629	2.639	0,4	1,3	10,0	32,7
ALGODÃO EM PLUMA	1.738	1.753	1.760	0,4	1,3	6,7	21,9
AMENDOIM TOTAL	2.962	3.474	3.474	-	17,3	-	512,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.021	3.554	3.554	-	17,6	-	533,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.775	1.771	1.771	-	(0,2)	-	(4,0)
ARROZ	6.158	6.711	6.713	-	9,0	2,3	555,9
ARROZ SEQUEIRO	2.354	2.479	2.468	(0,5)	4,8	(11,3)	113,7
ARROZ IRRIGADO	7.130	7.907	7.913	0,1	11,0	5,9	782,9
FEIJÃO TOTAL	1.033	1.089	1.104	1,3	6,9	14,5	70,8
FEIJÃO TOTAL CORES	1.439	1.533	1.568	2,3	9,0	35,4	129,0
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.476	1.504	1.504	-	1,9	0,2	28,4
FEIJÃO TOTAL CAUPI	499	551	545	(1,2)	9,2	(6,4)	46,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.072	1.209	1.209	-	12,7	-	136,4
CORES	1.498	1.664	1.664	-	11,1	-	166,0
PRETO	1.513	1.927	1.927	-	27,3	-	413,6
CAUPI	448	475	475	-	6,1	-	27,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	917	876	874	(0,2)	(4,7)	(2,1)	(42,8)
CORES	1.474	1.385	1.398	0,9	(5,2)	12,8	(76,1)
PRETO	1.491	1.155	1.155	-	(22,5)	-	(335,2)
CAUPI	518	583	573	(1,8)	10,7	(10,4)	55,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.253	1.425	1.496	5,0	19,4	71,1	242,9
CORES	1.363	1.557	1.636	5,1	20,0	78,8	272,7
PRETO	702	715	725	1,4	3,2	9,7	22,7
CAUPI	623	580	590	1,8	(5,3)	10,2	(33,3)
GERGELIM	780	658	547	(16,9)	(29,8)	(111,1)	(232,8)
GIRASSOL	1.669	1.686	1.590	(5,7)	(4,7)	(96,0)	(79,1)
MAMONA	658	895	951	6,3	44,5	56,1	292,9
MILHO TOTAL	5.719	5.520	5.533	0,2	(3,3)	12,6	(185,9)
MILHO 1ª SAFRA	6.249	6.065	6.065	-	(3,0)	-	(184,4)
MILHO 2ª SAFRA	5.682	5.454	5.456	-	(4,0)	1,8	(226,8)
MILHO 3ª SAFRA	2.385	2.901	3.305	13,9	38,6	403,5	919,7
SOJA	3.337	3.273	3.379	3,2	1,2	105,7	41,6
SORGO	2.973	3.127	2.991	(4,3)	0,6	(135,6)	18,1
SUBTOTAL	3.961	3.894	3.959	1,7	(0,1)	65,0	(2,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Ago/2020 (b)	Set/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	2.209	2.574	2.549	(1,0)	15,4	(25,0)	340,0
CANOLA	1.429	1.580	1.227	(22,3)	(14,1)	(353,0)	(202,0)
CENTEIO	2.083	2.489	2.404	(3,4)	15,4	(85,0)	321,0
CEVADA	3.612	3.520	3.932	11,7	8,9	412,0	320,0
TRIGO	2.526	2.933	2.928	(0,2)	15,9	(5,0)	402,0
TRITICALE	2.904	2.916	2.916	-	0,4	-	12,0
SUBTOTAL	2.515	2.886	2.886	-	14,8	-	371,0
BRASIL (2)	3.902	3.849	3.912	1,6	0,3	62,4	10,1

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2020.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Ago/2020 (b)	Set/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	4.217,1	4.392,2	4.395,1	0,1	4,2	2,9	178,0
ALGODÃO - PLUMA	2.812,7	2.929,7	2.931,8	0,1	4,2	2,1	119,1
AMENDOIM TOTAL	434,6	557,5	557,5	-	28,3	-	122,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	422,2	544,8	544,8	-	29,0	-	122,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	12,4	12,7	12,7	-	2,4	-	0,3
ARROZ	10.483,6	11.180,1	11.183,4	-	6,7	3,3	699,8
ARROZ SEQUEIRO	816,1	909,8	905,5	(0,5)	11,0	(4,3)	89,4
ARROZ IRRIGADO	9.667,5	10.270,3	10.277,9	0,1	6,3	7,6	610,4
FEIJÃO TOTAL	3.017,7	3.180,8	3.229,8	1,5	7,0	49,0	212,1
FEIJÃO TOTAL CORES	1.887,8	1.949,8	2.008,0	3,0	6,4	58,2	120,2
FEIJÃO TOTAL PRETO	493,4	509,3	509,5	-	3,3	0,2	16,1
FEIJÃO TOTAL CAUPI	636,4	722,3	712,6	(1,3)	12,0	(9,7)	76,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	989,1	1.105,6	1.105,6	-	11,8	-	116,5
CORES	563,4	609,0	609,0	-	8,1	-	45,6
PRETO	256,9	313,0	313,0	-	21,8	-	56,1
CAUPI	168,8	183,6	183,6	-	8,8	-	14,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.300,4	1.249,9	1.244,7	(0,4)	(4,3)	(5,2)	(55,7)
CORES	652,0	564,1	569,2	0,9	(12,7)	5,1	(82,8)
PRETO	228,7	184,5	184,5	-	(19,3)	-	(44,2)
CAUPI	419,7	501,5	491,1	(2,1)	17,0	(10,4)	71,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	728,0	825,7	879,8	6,6	20,9	54,1	151,8
CORES	672,4	776,7	829,8	6,8	23,4	53,1	157,4
PRETO	7,8	11,8	12,0	1,7	53,8	0,2	4,2
CAUPI	47,9	37,2	37,9	1,9	(20,9)	0,7	(10,0)
GERGELIM	41,3	115,2	95,8	(16,8)	132,0	(19,4)	54,5
GIRASSOL	104,9	85,2	74,9	(12,1)	(28,6)	(10,3)	(30,0)
MAMONA	30,6	40,7	43,3	6,4	41,5	2,6	12,7
MILHO TOTAL	100.042,7	102.142,3	102.503,0	0,4	2,5	360,7	2.460,3
MILHO 1ª SAFRA	25.646,7	25.689,6	25.689,6	-	0,2	-	42,9
MILHO 2ª SAFRA	73.177,7	74.912,7	75.054,5	0,2	2,6	141,8	1.876,8
MILHO 3ª SAFRA	1.218,7	1.539,9	1.758,7	14,2	44,3	218,8	540,0
SOJA	119.718,1	120.936,4	124.844,5	3,2	4,3	3.908,1	5.126,4
SORGO	2.177,0	2.596,8	2.498,1	(3,8)	14,7	(98,7)	321,1
SUBTOTAL	240.267,6	245.227,2	249.425,4	1,7	3,8	4.198,2	9.157,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Ago/2020 (b)	Set/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	879,1	1.109,0	1.095,5	(1,2)	24,6	(13,5)	216,4
CANOLA	48,6	55,6	43,2	(22,3)	(11,1)	(12,4)	(5,4)
CENTEIO	9,4	11,7	11,3	(3,4)	20,2	(0,4)	1,9
CEVADA	429,1	396,7	403,0	1,6	(6,1)	6,3	(26,1)
TRIGO	5.154,7	6.832,1	6.814,2	(0,3)	32,2	(17,9)	1.659,5
TRITICALE	45,3	45,2	45,2	-	(0,2)	-	(0,1)
SUBTOTAL	6.566,2	8.450,3	8.412,4	(0,4)	28,1	(37,9)	1.846,2
BRASIL (2)	246.833,8	253.677,5	257.837,8	1,6	4,5	4.160,3	11.004,0

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em setembro/2020.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.097,4	3.291,2	6,3	3.352	3.536	5,5	10.381,9	11.637,6	12,1
RR	72,4	74,6	3,0	3.913	4.052	3,6	283,3	302,3	6,7
RO	576,7	602,5	4,5	3.802	3.992	5,0	2.192,4	2.405,3	9,7
AC	47,5	47,5	-	2.042	2.147	5,2	97,0	102,0	5,2
AM	17,9	18,7	4,5	2.162	2.230	3,1	38,7	41,7	7,8
AP	24,1	24,4	1,2	2.506	2.574	2,7	60,4	62,8	4,0
PA	905,5	963,4	6,4	2.907	2.979	2,5	2.632,1	2.870,1	9,0
TO	1.453,3	1.560,1	7,3	3.494	3.752	7,4	5.078,0	5.853,4	15,3
NORDESTE	8.013,7	8.187,9	2,2	2.482	2.810	13,2	19.887,0	23.010,5	15,7
MA	1.572,5	1.605,1	2,1	3.199	3.489	9,1	5.030,6	5.600,2	11,3
PI	1.499,6	1.535,2	2,4	3.159	3.282	3,9	4.736,7	5.038,5	6,4
CE	872,6	913,1	4,6	593	875	47,4	517,8	798,7	54,2
RN	106,6	118,3	11,0	595	538	(9,6)	63,4	63,6	0,3
PB	188,1	212,9	13,2	396	649	63,8	74,5	138,1	85,4
PE	446,3	465,2	4,2	495	676	36,5	221,0	314,4	42,3
AL	65,9	78,4	19,0	1.332	1.333	-	87,8	104,5	19,0
SE	157,3	162,5	3,3	5.097	5.425	6,4	801,7	881,5	10,0
BA	3.104,8	3.097,2	(0,2)	2.691	3.252	20,9	8.353,5	10.071,0	20,6
CENTRO-OESTE	26.881,4	28.480,6	5,9	4.230	4.351	2,9	113.706,0	123.910,5	9,0
MT	16.183,5	17.212,4	6,4	4.202	4.354	3,6	67.998,8	74.950,1	10,2
MS	4.871,2	5.029,5	3,2	4.018	4.084	1,6	19.573,7	20.542,7	5,0
GO	5.665,0	6.074,3	7,2	4.466	4.535	1,5	25.298,7	27.544,9	8,9
DF	161,7	164,4	1,7	5.163	5.309	2,8	834,8	872,8	4,6
SUDESTE	5.656,6	5.852,4	3,5	4.125	4.212	2,1	23.331,1	24.651,9	5,7
MG	3.453,1	3.490,2	1,1	4.204	4.403	4,7	14.518,1	15.366,5	5,8
ES	26,3	26,0	(1,1)	1.749	1.823	4,2	46,0	47,4	3,0
RJ	3,0	2,7	(10,0)	1.967	2.000	1,7	5,9	5,4	(8,5)
SP	2.174,2	2.333,5	7,3	4.030	3.957	(1,8)	8.761,1	9.232,6	5,4
SUL	19.613,1	20.099,3	2,5	4.055	3.713	(8,4)	79.527,8	74.627,3	(6,2)
PR	9.649,5	9.805,0	1,6	3.826	4.191	9,5	36.919,8	41.091,3	11,3
SC	1.260,8	1.280,4	1,6	5.303	5.086	(4,1)	6.686,0	6.511,8	(2,6)
RS	8.702,8	9.013,9	3,6	4.128	2.998	(27,4)	35.922,0	27.024,2	(24,8)
NORTE/NORDESTE	11.111,1	11.479,1	3,3	2.724	3.018	10,8	30.268,9	34.648,1	14,5
CENTRO-SUL	52.151,1	54.432,3	4,4	4.153	4.100	(1,3)	216.564,9	223.189,7	3,1
BRASIL	63.262,2	65.911,4	4,2	3.902	3.912	0,3	246.833,8	257.837,8	4,5

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2020.





4. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

4.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE AGOSTO

Agosto ficou marcado pela intensa onda de frio que atingiu não só a Região Sul, mas também os estados das Regiões Centro-Oeste e Norte. A chegada da massa de ar frio foi responsável por temperaturas negativas. No dia 21, em São José dos Ausentes, Rio Grande do Sul, a temperatura mínima chegou a -4,3 °C, em São Joaquim e Santa Catarina, a mínima chegou a -5,3 °C. Em Mato Grosso, estado conhecido pelas temperaturas elevadas, experimentou alguns dias de frio em agosto, com termômetros registrando temperatura mínima de até 11,5 °C na sua capital, Cuiabá.

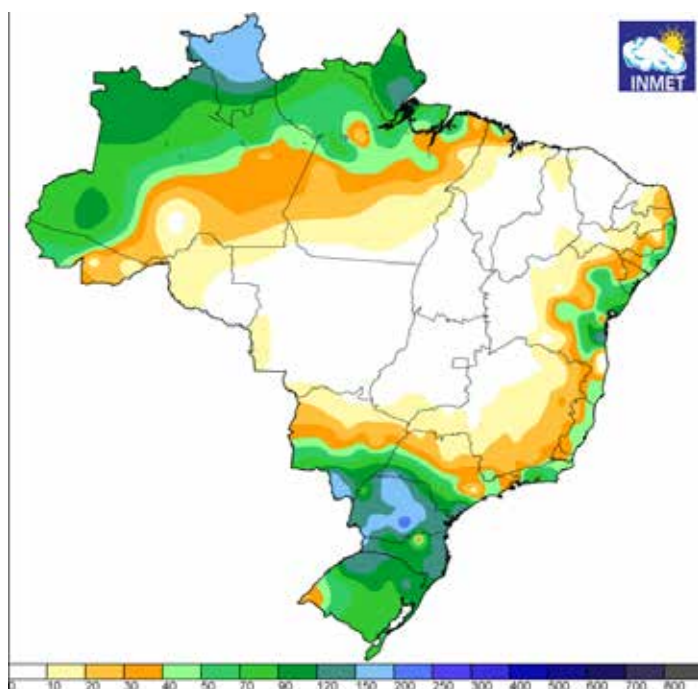
As precipitações ficaram concentradas no extremo-norte da Região Norte, na faixa leste do Nordeste e na Região Sul. Nesta última, mesmo com registros de precipitação nos três estados, a distribuição espacial não foi uniforme. No Rio Grande do Sul, os volumes foram mais modestos, contabilizando totais abaixo da média em localidades no centro-sul do estado. Em Santa Catarina e Paraná os volumes foram mais elevados, superando a média em grande parte desses estados, principalmente no Paraná, onde os volumes chegaram a mais de 100% acima da média histórica em algumas localidades. Destaque para Londrina que, com acumulado de 191,7 mm, ficou bem acima dos 60 mm da sua média. Os volumes

¹ Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista do Inmet - Brasília.

de chuva também foram significativos no sul de São Paulo e do Mato Grosso do Sul. As demais localidades do

Brasil central seguiram dentro das condições climáticas do mês, que é tipicamente seco.

Figura 1 - Precipitação acumulada em agosto



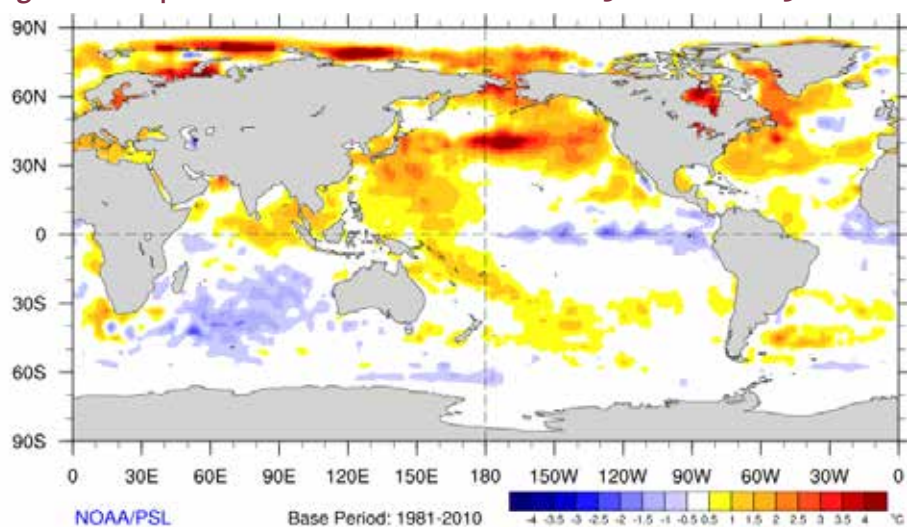
Fonte: Inmet.

4.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O Oceano Pacífico Equatorial segue com anomalias negativas em praticamente toda a sua extensão, como mostra o mapa de anomalias da temperatura da superfície do mar (TSM) durante a última semana de agosto.

Até 4 de setembro, a variação diária observada das anomalias de TSM indicou uma tendência de intensificação do sinal negativo na área de El Niño/La Niña, atingindo um desvio negativo de TSM superior a 0,5 °C.

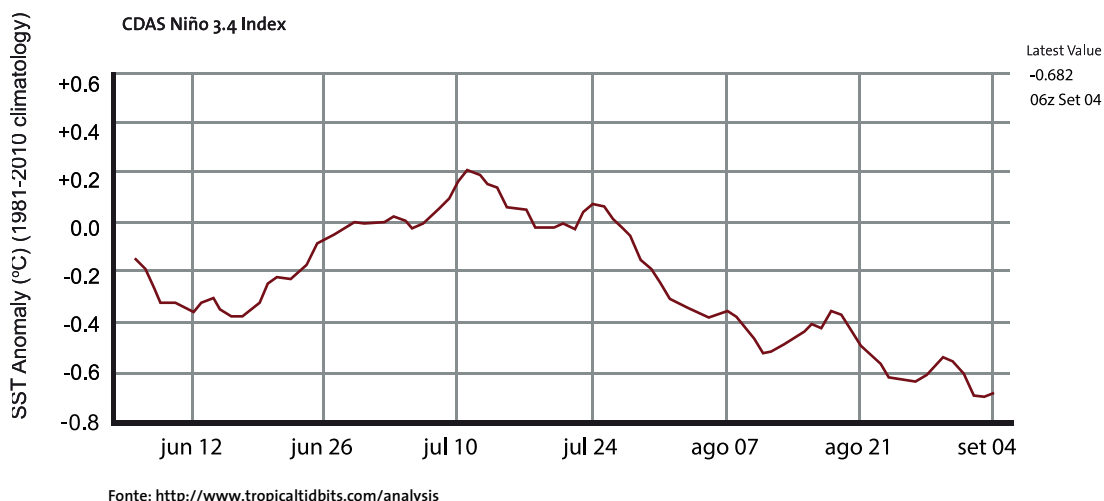
Figura 2 - Mapa de anomalias de TSM semanal 23/08/2020 a 29/08/2020



Fonte: Inmet.



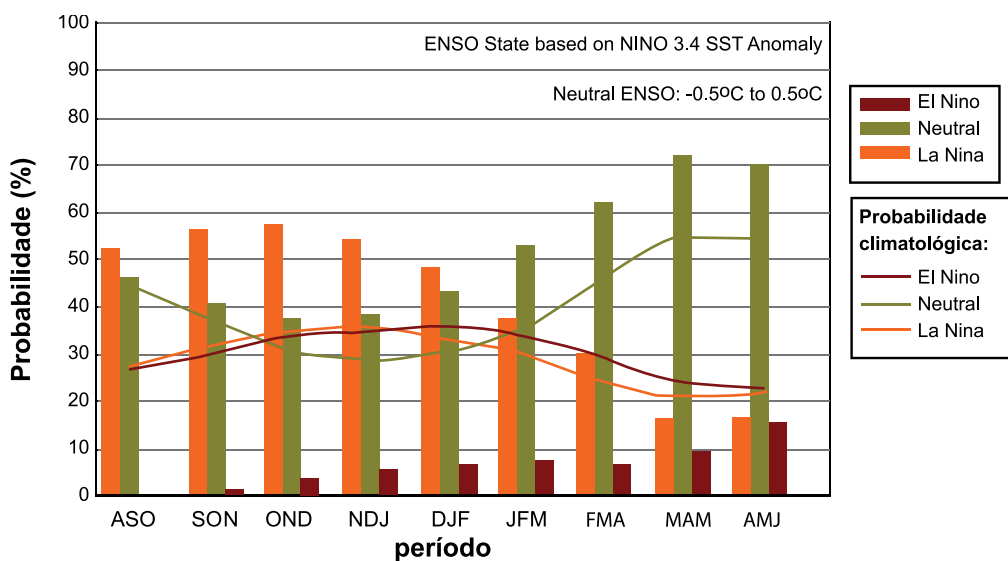
Gráfico 3 - Variação diária dos desvios de TSM na região de El Niño/La Niña



As previsões probabilísticas indicam que esse padrão de resfriamento na superfície do Pacífico Equatorial deve continuar nos próximos meses, aumentando as chances de consolidação de um novo episódio de La Niña. Essas previsões indicam quase 60% de probabilidade de ocorrência de La Niña no trimestre outo-

bro-novembro-dezembro. Devido às atuais condições térmicas na superfície oceânica e às tendências apontadas pelos modelos, é muito provável a ocorrência do fenômeno ainda este ano. Contudo, muito provavelmente deverá ser de baixa intensidade e de curta duração.

Gráfico 4 - Previsão probabilística de El Niño/La Niña da APEC Climate Center



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/ens0/current/>



4.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA SETEMBRO-OUTUBRO-NOVEMBRO DE 2020

Para o trimestre setembro-outubro-novembro, as previsões indicam que na Região Sul há maior probabilidade de chuvas acima ou dentro da faixa normal no Rio Grande do Sul e leste de Santa Catarina. Nas demais áreas, as chuvas devem ser mais irregulares, resultando em totais abaixo da média trimestral. Em setembro, o total de precipitação deve ficar acima ou próximo da média na maior parte de Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

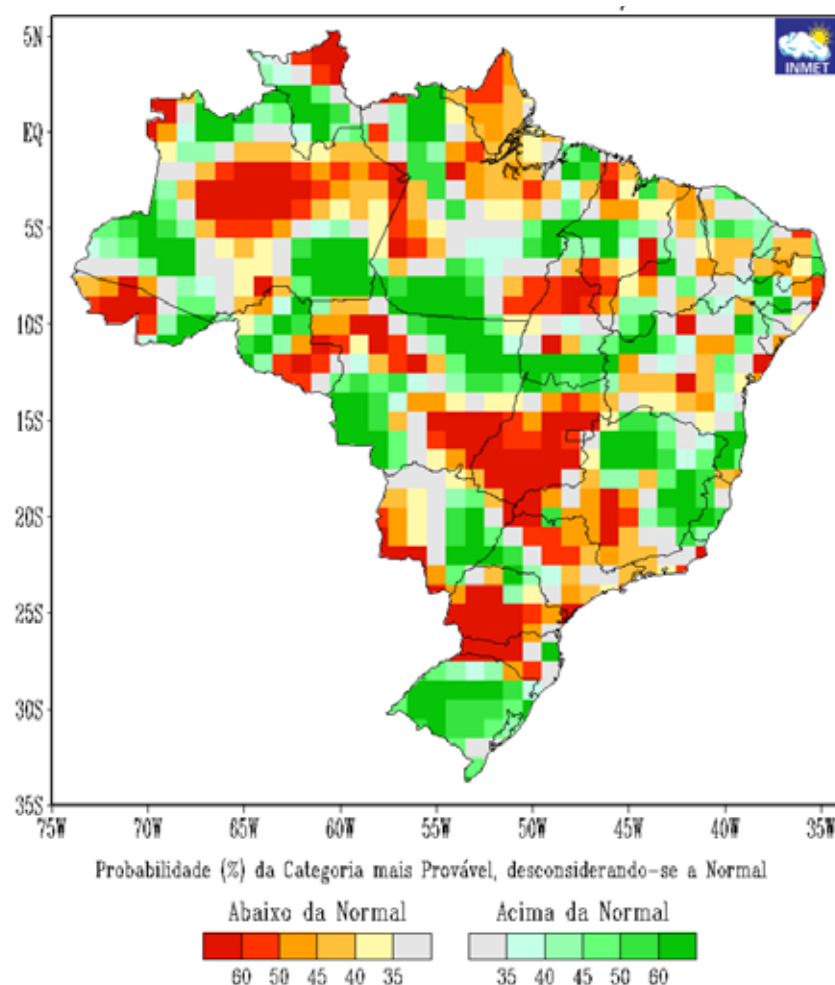
No Centro-Oeste, o prognóstico indica maior probabilidade de que o volume total fique dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades. O primeiro mês do trimestre não terá precipitação significativa em praticamente toda a região, com volumes mais significativos esperados apenas para

meados de outubro.

Do mesmo modo, no Sudeste, o prognóstico indica maior probabilidade de que o volume total fique dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades. Em setembro, os volumes mais significativos devem ocorrer na faixa mais ao leste, entre São Paulo e o Espírito Santo.

Nas Regiões Norte e Nordeste, as chuvas devem ficar concentradas no oeste da Região Norte e no leste do Nordeste, predominando a baixa precipitação na maioria das localidades, especialmente no primeiro mês. No Matopiba, as chuvas devem ser mais regulares entre o final de outubro e novembro.

Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre setembro-outubro-novembro de 2020



Fonte: Inmet.





5. ANÁLISE DAS CULTURAS

5.1 CULTURAS DE VERÃO

5.1.1. ALGODÃO

A colheita está em fase final de execução nos 1.665,7 mil hectares semeados com a cultura nesta safra. Há a confirmação do crescimento na produção em comparação à temporada passada, atingindo valores inéditos dentro da série histórica do produto. Ao todo, serão cerca de 7.326,9 mil toneladas de algodão em caroço produzidas, representando incremento de 4,2% em relação a 2018/19.

Na Região Norte, as lavouras estão se encaminhando para o final de ciclo, nos cerca de 16,5 mil hectares semeados nesta safra. Tal área está distribuída entre Rondônia e Tocantins, e a estimativa de produção para a região é de aproximadamente 65,9 mil toneladas de algodão em caroço, indicando incremento de 1,5% em comparação a 2018/19.

Em Rondônia, mais especificamente no sul do estado (municípios de Cabixi, Pimenteiras do Oeste e Vilhena), onde se concentrou a cotonicultura rondoniense nesta safra, foram semeados cerca de 9,8 mil hectares, visto que toda essa área já foi colhida, alcançando uma produção de aproximadamente 38,2 mil toneladas de algodão em caroço, representando aumento de 95,9% em comparação à safra passada, principalmente em razão do expressivo aumento de área neste exercício, além das condições climáticas consideradas satisfatórias ao desenvolvimento da cultura ao longo do ciclo.

Em Tocantins, as lavouras apresentaram desenvolvimento satisfatório ao longo do ciclo, e a expectativa é de aumento na produção, especialmente pelo incremento de área plantada em comparação à safra anterior. A colheita está em fase final de execução, alcançando 95% da área até o fim de agosto. De maneira geral, a estimativa de produção é de 27,7 mil toneladas de algodão em caroço, representando acréscimo de 56,5% em relação a 2018/19.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, houve redução na área plantada, de aproximadamente 3,3%, atingindo 365,4 mil hectares, distribuídos em seis estados produtores. As lavouras estão em colheita, e a previsão é de 1.639 mil toneladas produzidas com algodão em caroço.

No Maranhão, a colheita do algodão segue avançando, alcançando cerca de 85% dos 27,8 mil hectares semeados nesta safra, ainda no fim de agosto. A previsão é de finalização das operações em setembro, devendo obter 114,8 mil toneladas de algodão em caroço (11,8% maior que a temporada anterior).

No Piauí, as operações de colheita foram finalizadas nos 18,3 mil hectares destinados ao cultivo do algodão nesta safra. De maneira geral, as condições foram adequadas ao longo do ciclo, e a produção final chegou a 70,7 mil toneladas, representando acréscimo de 22,3% em comparação a 2018/19.

Na Paraíba, a colheita está em andamento, com ótima perspectiva de produção nesta safra. A área plantada apresentou importante acréscimo em relação à temporada passada, assim como a produtividade média estimada. Dessa forma, a projeção é de 3 mil toneladas produzidas de algodão em caroço, representando incremento de mais de 300% em comparação ao colhido em 2018/19.

Na Bahia foram destinados cerca de 313,7 mil hectares para o cultivo do algodão nesta, representando redução de 5,5% em relação à área semeada em 2018/19. Tal diminuição está atrelada aos menores preços pagos pelo produto, bem como a perspectiva de condições climáticas desfavoráveis ainda no início da safra. No entanto, de forma geral, as lavouras não apresentaram condições desfavoráveis em razão do clima e mantiveram seu desenvolvimento de forma adequada durante o ciclo. As operações de colheita estão em fase final de execução, alcançando 85% da área total, até o fim de agosto. A previsão é que as operações sejam concluídas em setembro, atingindo uma produção de 1.491,6 mil toneladas de algodão em caroço.

Na Região Centro-Oeste, a colheita está em fase final

de execução, reforçando a perspectiva de uma produção superior à temporada passada, estando atualmente estimada em 5.413,4 mil toneladas colhidas com o algodão em caroço.

Em Mato Grosso, a colheita se encaminha para seu desfecho, alcançando, até o final de agosto, cerca de 91% dos 1.166 mil hectares semeados com a cultura nesta safra. Os rendimentos apresentados têm sido satisfatórios, influenciados pelas boas condições registradas ao longo do ciclo. Além disso, o elevado nível de investimento dos cotonicultores mato-grossenses auxilia nesses resultados. A estimativa atual para a produtividade média é de 4.390 kg/ha, sendo 2,7% superior à temporada passada. Para a produção, a projeção é que sejam colhidas 5.118,7 mil toneladas de algodão em caroço, representando incremento de 9,6% em comparação a 2018/19 e reafirmando o status de maior produção da série histórica de algodão para o estado. Vale destacar que a qualidade da fibra colhida tem sido considerada muito boa, favorecida pelo clima adequado durante a maturação e colheita.

Em Mato Grosso do Sul, os 32 mil hectares semeados com a cultura nesta safra já foram colhidos, alcançando uma produção de 142,2 mil toneladas, representando redução de 13,9% em comparação a 2018/19, especialmente em razão da redução de área plantada visualizada nesta temporada.

Em Goiás, a colheita está quase finalizada, chegando ao final de agosto com 98% dos 35,5 mil hectares semeados (houve ajuste na área divulgada por meio de informações coletadas por imagens de satélite). Os resultados visualizados demonstram aumento na produtividade média em comparação a 2018/19, alcançando cerca de 4.295 kg/ha. O clima foi considerado favorável durante boa parte do ciclo da cultura, e as condições mais secas, registradas nas últimas semanas, favoreceram a maturação da fibra e as operações de colheita. De maneira geral, a produção estimada é de 152,5 mil toneladas de algodão em caroço.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados que apresentam produção de algodão nesta safra. Foram 49,1 mil hectares semeados na região, com produção estimada de 205,4 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a colheita está em fase final de execução, chegando a 90% dos 38,1 mil hectares semeados nesta safra, até o fim de agosto. Existem algumas áreas plantadas mais tardiamente, após a colheita da soja, que só devem ser colhidas em setembro. No geral, a expectativa é de uma produtividade média de 4.230 kg/ha e produção final na ordem de 161,2 mil toneladas de algodão em caroço.



Em São Paulo, a colheita do algodão está encerrada nos 11 mil hectares plantados neste ciclo. A produção apresentou crescimento de 6,3% em relação à temporada passada, alcançando 44,2 mil toneladas.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor nesta

safrá, com área plantada de 1,2 mil hectares, pulverizada em vários municípios do norte do estado. A colheita está finalizada na região, apresentando um volume final de 3,2 mil toneladas de algodão em caroço. Isso representa incremento de 52,4% em relação ao resultado da safra anterior.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV	F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.2. AMENDOIM

5.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A produção total de amendoim foi estimada em 557,5 mil toneladas, 28,3% maior que a safra passada. Além do aumento de área, em 9,3%, contribuiu para esse resultado o maior rendimento nesta safra.

No Ceará, o amendoim, assim como o feijão-comum cores, é cultivado em regiões de serra, que possuem regime de chuva regular ao longo do ano. Posto isso, esse grão registrou um aumento de 26,5% na produtividade e 25% na produção.

Na Paraíba, as áreas que em anos anteriores ficaram em torno de 400 hectares, na safra atual passou para 600 hectares, com produtividade média de 775 kg/ha.

Em São Paulo, essa cultura que é fonte de nitrogênio para o solo é constantemente utilizada em áreas de renovação de cana-de-açúcar, beneficiando a cultura. Também é bastante resistente às pragas, como os nematoides, ajudando a diminuir significativamente a infestação nas áreas cultivadas.

Praticamente toda a produção (em torno 70%) é destinada aos países europeus, enquanto que o restante é consumido internamente pelas indústrias de doces.

Essa cultura finalizou a presente safra com uma elevação de área de 9,3%. O produtor procurou investir nessa leguminosa em razão dos preços elevados praticados



pelo mercado, bem como uma menor disponibilidade do produto no mercado devido à quebra da safra anterior.

Na produtividade houve também expressivo ganho de 18,1% em relação à safra anterior em razão de boas condições climáticas ocorridas durante todo o seu desenvolvimento vegetativo.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra										
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Araraquara	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Assis	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Bauru	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Marília	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Ribeirão Preto							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Presidente Prudente							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Marília							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Assis							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.3. ARROZ

A safra de arroz 2019/20 confirma a expectativa de aumento na produção em comparação à temporada anterior. As lavouras das principais regiões produtoras, sobretudo no Rio Grande do Sul, tiveram um bom desempenho, e, de modo geral, o produto apresentou boa qualidade.

Foram mais de 11.183,4 mil toneladas colhidas nesta safra, demonstrando incremento de 6,7% em relação ao resultado de 2018/19. Tudo isso, mesmo em meio à redução de área plantada, que passou de 1.702,5 mil hectares no ciclo anterior para 1.665,8 mil hectares

neste exercício, a área plantada em manejo irrigado foi de 1.298,9 mil hectares, retração de 4,2% em relação à safra anterior. Enquanto no arroz de sequeiro houve aumento de 5,9%, chegando a 366,9 mil hectares semeados.

Na Região Norte foram destinados cerca de 228,3 mil hectares à rizicultura nesta safra, com produção na ordem de 991,9 mil toneladas (aumento de 5,5% em comparação a 2018/19). Com isso, a região se configura como a segunda maior produtora nacional de arroz.



Em Rondônia, a produção alcançou cerca de 139,4 mil hectares, representando crescimento de 1,4% em comparação a 2018/19.

No Acre, os valores observados neste ciclo demonstraram pequena redução em comparação à temporada passada. Foram 6,4 mil toneladas produzidas nesta safra, ante as 6,5 mil toneladas colhidas em 2018/19, visto que a área plantada se manteve em 4,9 mil hectares nos dois períodos.

No Pará houve aumento na área destinada à rizicultura nesta safra, em particular, no arroz de sequeiro. No total, foram 44,4 mil hectares semeados neste ciclo, representando incremento de 19% em relação a 2018/19. Quanto à produção, a estimativa é de 109 mil toneladas, aumentando em 14,7% o resultado alcançado na temporada anterior.

Em Tocantins foram 122,7 mil hectares plantados, perfazendo uma produção de 660 mil toneladas, incremento de 5,8% em relação ao volume obtido em 2018/19.

Em Roraima, a estimativa é que foram destinados cerca de 10,3 mil hectares à rizicultura nesta safra. A expectativa quanto à produção é que se obtenha 70,6 mil toneladas, simbolizando redução de 4,1% em relação à temporada anterior.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. Foram cerca de 2,4 mil hectares semeados nesta safra, dobrando a área utilizada na temporada passada. A colheita está finalizada, com a produção de 5,4 mil toneladas.

Na Região Nordeste houve aumento na área plantada com arroz em comparação à safra passada, em particular, no arroz de sequeiro. Dessa forma, foram cerca de 157,1 mil hectares semeados, representando aumento de 9,2% em comparação a 2018/19. Tal variação, atrelada às boas condições climáticas, em boa parte das regiões produtoras, a produção foi de 323,9 mil toneladas.

No Maranhão foram cerca de 89,9 mil hectares cultivados com arroz nesta safra, tanto em manejo irrigado quanto em condições de sequeiro. Houve aumento de destinação de área em comparação a 2018/19, bem como incremento na produtividade média, em razão das boas condições apresentadas neste ciclo. Dessa forma, a produção total está estimada em 153,8 mil toneladas, 18% superior ao resultado da temporada passada.

No Piauí, a área de arroz sofreu incremento na ordem

de 15,2%, atingindo 53,7 mil hectares, e a produtividade esperada em torno dos 1.917 kg/ha. O plantio dessa cultura iniciou na segunda quinzena de novembro em algumas áreas do cerrado piauiense. Nas áreas de sequeiro, que corresponde a mais de 90% do total, a colheita já finalizou. Nas áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial, o plantio está concluído. As lavouras irrigadas se encontram entre as fases de desenvolvimento vegetativo e maturação.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada, visto que nesta safra devem ser cultivados cerca de 3,1 mil hectares, com estimativa de produção acima das 21,4 mil toneladas.

Em Pernambuco houve incremento na área cultivada de 25%, passando de 400 hectares na safra anterior para 500 hectares neste exercício. Em relação ao rendimento, esse foi reajustado para 8.500 kg/ha, sinalizando incremento de 4,3% em comparação a 2018/19, perfazendo uma produção estimada de 4,3 mil toneladas.

Na Paraíba foram semeados 1,2 mil hectares nesta safra, sendo todo cultivo manejado em condição de sequeiro. O rendimento médio projetado indica aumento em comparação à temporada anterior, devendo atingir uma produção de 1,9 mil toneladas.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, houve redução na área plantada, quando comparada à última safra, ficando em 152,5 mil hectares semeados. Quanto à produção, a estimativa regional é que sejam colhidas cerca de 594,1 mil toneladas, representando aumento de 5,6% em relação a 2018/19.

Em Mato Grosso houve aumento de 6,7% na produtividade média, bem como 4,4% na produção final, que devem chegar a 3.410 kg/ha e 404,8 mil toneladas, respectivamente.

Em Mato Grosso do Sul, os 11,2 mil hectares semeados com a cultura nesta safra já estão colhidos, com produção final aproximada de 68,9 mil toneladas, representando aumento de 11% em relação a 2018/19.

Em Goiás, a colheita está finalizada, com produção de aproximadamente 120,4 mil toneladas (retração de 6,9% em comparação à temporada passada). De modo geral, as condições climáticas foram favoráveis ao longo do ciclo, influenciando no aumento de rendimento médio verificado.

Em Minas Gerais foram destinados cerca de 2 mil hectares ao cultivo de arroz nesta safra, indicando redução de 42,9% em relação à temporada anterior.



Tal diminuição está ligada ao arroz de sequeiro, que perdeu área nesse ciclo para outras culturas consideradas mais rentáveis. De maneira geral, a colheita está finalizada no estado, com obtenção de produção na ordem de 8,2 mil toneladas (16,3% inferior à temporada passada).

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado o de sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado seja de 1.114,4 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta manutenção em 3 mil hectares em relação à safra anterior.

No Paraná, a colheita está finalizada nos 3 mil hectares semeados em condição de sequeiro. De pouca expressão econômica no Paraná, a cultura de subsistência é conduzida com baixo nível tecnológico, com boa parte cultivada nas entrelinhas de culturas perenes, destinada principalmente ao consumo próprio. A produtividade média ficou em 2.043 kg/há, e a produção final na ordem de 6,1 mil toneladas. Já o arroz irrigado, a área semeada foi de 18,8 mil hectares, com produtividade média de 7.794 kg/ha, e produção na ordem de 146,5 mil toneladas, representando aumento de 7,6% em relação à safra passada.

Em Santa Catarina, a colheita está encerrada. O clima seco favoreceu as operações, e o produto obtido apresentou boa qualidade. Foram 149,6 mil hectares destinados à produção de 1.211,8 mil toneladas, representando aumento de 7,3% em comparação ao volume obtido na safra anterior.

No Rio Grande do Sul, a safra foi marcada por um início repleto de preocupações em razão do atraso na semeadura e também de incertezas quanto à recorrente falta de rentabilidade da cultura. No entanto, as condições climáticas e a conjuntura de mercado do produto fizeram com que se encerrasse a safra com um grande otimismo no setor, tanto pela boa produtividade obtida, quanto pelos preços que registraram altas expressivas no decorrer de 2020.

O período de final de inverno e início da primavera de 2019 foi de tempo seco no estado, o que favoreceu o preparo das áreas em que seria cultivado o arroz. Com isso, com o início da janela de semeadura, logo as práticas se intensificaram e ela evoluiu muito rápido até outubro, alcançando mais de 50% da área semeada, com destaque para as regiões Fronteira Oeste, Sul e Campanha, com 80%, 70% e 60% semeados, respectivamente. Porém, em outubro, ocorreu um evento de chuvas intensas que, em determinados locais, ultrapassou 300 mm em poucos dias, o que causou alagamentos, transbordo de rios e atrasou em cerca de duas semanas a retomada dos trabalhos.

Esse episódio de alagamento, que foi mais intenso nas regiões Campanha, Central e na parte leste do estado, fez com que cerca de 30% da área do estado fosse semeada fora do período preferencial da cultura, que vai até o dia 15 de novembro. Notadamente, nas regiões Central e Planície Costeira Externa, havia sido semeado apenas 18% e 27%, respectivamente, dentro do período preferencial. Nas demais, esse percentual variou de 60% a 85%, com a Fronteira Oeste sendo a mais avançada nessa questão.

O atraso na semeadura trouxe uma preocupação com a redução do potencial produtivo, como já verificado em safras anteriores. No entanto, a ocorrência de uma severa seca no período que vai desde dezembro, em algumas regiões, mas notadamente de janeiro a maio em todo o estado, proporcionou condições de alta luminosidade e temperaturas acima da média para o período, que acabaram por favorecer muito a cultura do arroz, resultando em uma produtividade final acima do esperado inicialmente, além de ser obtido um novo recorde para o estado.

Essa seca trouxe um pouco de preocupação por reduzir drasticamente o nível dos reservatórios e rios em vários locais, mas isso não chegou a comprometer significativamente o rendimento das lavouras. Assim, a produtividade final da safra 2019/20 foi 8.316 kg/ha, recorde para o estado e 12,7% acima da safra anterior.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RO	Leste Rondoniense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul Catarinense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

	Baixa restrição - falta de chuvas		Favorável		Média restrição - falta de chuva		Baixa restrição - excesso de chuva
	Média restrição - Excesso de chuva						

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.

5.1.4. FEIJÃO

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra (semeado entre agosto e dezembro), o de segunda safra (cultivado entre janeiro e abril) e o de terceira safra (se-

meado de maio a julho).

Nesta temporada 2019/20, a produção de feijão na primeira safra está consolidada, apresentando um volume final de 1.105,6 mil toneladas. O feijão de segunda safra está praticamente colhido, com produção estimada em 1.244,7 mil toneladas. Por fim, as lavouras de terceira safra, que estão em fase de maturação e colheita, vêm demonstrando perspectiva de obtenção próxima a 879,8 mil toneladas.

5.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Houve incremento na produção dessa primeira safra em comparação a 2018/19, especialmente em razão das melhores condições climáticas registradas no período. Ao todo, foram colhidas cerca de 1.105,6

toneladas (entre feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi), representando aumento de 11,8% em relação ao exercício anterior.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	FR/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal					P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

	Baixa restrição - falta de chuvas		Favorável		Média restrição - falta de chuva		Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A safra está praticamente finalizada, restando algumas áreas, especialmente na Região Norte e Nordeste, porém com resultados aquém do esperado, principalmente em razão das condições climáticas desfavoráveis registradas durante o ciclo em grandes regiões produtoras, como na Região Sul e Sudeste, impactando no desenvolvimento das lavouras e no rendimento

Feijão-comum cores

Na Região Norte, a área destinada ao plantio da cultura sofreu redução em comparação à temporada passada, principalmente em razão da ausência de cultivo em Tocantins. No geral, foram 9,2 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra, distribuídos entre Rondônia, Acre e Amapá. Já a produção ficou em 7,8 mil toneladas, também indicando diminuição em relação a 2018/19, na ordem de 16,1%.

Em Rondônia, a colheita está finalizada nos 3,9 mil hectares semeados com o feijão-comum cores, nesse período. Houve redução considerável na área plantada nesta temporada, isso refletiu no volume final obtido, alcançando 4,4 mil toneladas produzidas, representando redução de 18,5% em comparação a 2018/19.

Na Região Nordeste, a Bahia e a Paraíba se destacam na produção do grão nesse período. No primeiro estado foram semeados cerca de 11 mil hectares nesse ciclo, manejados sob pivô central, alcançando bom rendimento médio. De modo geral, foram colhidas 29,7 mil toneladas. Já no segundo estado, foram aproximadamente 23,1 mil hectares destinados ao cultivo da cultura, apresentando incremento de 15% em comparação a 2018/19. As lavouras estão em fase de colheita e a perspectiva total de produção é de 10,8 mil toneladas, sendo 89,5% superior à temporada passada.

Na Região Centro-Oeste, a colheita está encerrada, com confirmação de redução na produção total. Foram cerca de 168 mil toneladas produzidas neste ciclo, indicando pequeno incremento de 1,3% em comparação à temporada anterior.

Em Mato Grosso, a colheita está finalizada, confirmando a estimativa de produção na ordem de 78,5 mil toneladas. Tal resultado representa decréscimo em comparação a 2018/19, especialmente em razão da redução de área plantada registrada neste ciclo. Ainda assim, a produtividade média obtida foi considerada boa, alcançando 1.909 kg/ha, sendo 26,6% maior que na temporada passada.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras de feijão-comum cores nessa segunda safra já foram colhidas. De modo

geral, a cultura sofreu com a falta de chuvas no início do crescimento e isso impactou no desenvolvimento das lavouras, não alcançando o potencial produtivo esperado. Ainda assim a produção ficou em 37,5 mil toneladas, representando incremento de 53,1% em relação ao resultado obtido em 2018/19, atribuído, especialmente, ao incremento de área ocorrido nesta temporada.

Em Goiás, a colheita está encerrada, demonstrando redução na produção em relação a 2018/19. A região leste do estado, por exemplo, apresentou excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita das lavouras, impactando o rendimento médio da cultura. Já na região sul, a escassez de precipitações influenciou o desenvolvimento das plantas, especialmente no estágio de enchimento de grãos. De maneira geral, foram cerca de 50 mil toneladas colhidas, simbolizando diminuição de 4,8% em comparação à temporada anterior.

Em Goiás, a colheita está encerrada, demonstrando redução na produção em relação a 2018/19. A região leste do estado, por exemplo, apresentou excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita das lavouras, impactando o rendimento médio da cultura. Já na região sul, a escassez de precipitações influenciou o desenvolvimento das plantas, especialmente no estágio de enchimento de grãos. De maneira geral, foram cerca de 50 mil toneladas colhidas, simbolizando diminuição de 4,8% em comparação à temporada anterior.

No Distrito Federal, a segunda safra de feijão-comum cores está encerrada nos 900 hectares cultivados neste ciclo. As condições climáticas, no geral, foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura, e a produtividade média indicada apresentou incremento em comparação a 2018/19, alcançando 2.200 kg/ha. Dessa forma, a produção final esperada é de aproximadamente 2 mil toneladas.

Na Região Sudeste, Minas Gerais é o grande destaque na produção do feijão-comum cores segunda safra. Foram 122,8 mil hectares semeados nesse período, representando redução de área de 11,5% em comparação a 2018/19. A colheita já foi concluída, e o resultado ficou aquém daquele obtido na temporada passada, chegando a 169,2 mil toneladas produzidas, sendo 13,1% inferior à temporada a 2018/19. Já em São Paulo, a colheita do feijão-comum cores nessa segunda safra está finalizada nos 17,3 mil hectares semeados. A produção ficou em 34,4 mil toneladas, representando redução de 4,7% inferior às 36,1 mil toneladas colhidas no estado na temporada anterior, principalmente em decorrência da redução de área plantada nesse ciclo.



Na Região Sul, o Paraná apresentou redução na área plantada em comparação à temporada anterior, especialmente em razão da competição com o cultivo de outros grãos mais rentáveis, bem como a estiagem registrada entre fevereiro e março, dificultando o plantio dentro da sua janela ideal. Ainda assim, foram semeados 112,8 mil hectares no estado. As lavouras sentiram a escassez de chuvas já mencionada, e as produtividades médias verificadas nas primeiras áreas colhidas apontam redução em comparação a 2018/19. Apesar disso, a qualidade do feijão está boa, mas com tamanho menor. A queda no rendimento está sendo compensada pelos preços pagos, que subiram quase 100% em relação à cotação na época de plantio. A colheita está finalizada, com estimativa de

produção na ordem de 134 mil toneladas, sendo 31,7% inferior ao resultado obtido em 2018/19.

Em Santa Catarina, a colheita está finalizada. Foram 3,3 mil hectares semeados com o feijão-comum cores nessa segunda safra. O rendimento médio apresentou redução de 10,9% em relação à safra passada, especialmente em razão dos baixos índices pluviométricos intercalados por veranicos comprometeram a expressão do potencial produtivo previsto inicialmente, com base no pacote tecnológico empregado pelos produtores. No entanto, com o crescimento na área plantada, a produção final acabou ficando superior àquela verificada em 2018/19, chegando a 4,8 mil toneladas (acréscimo de 9,1%).

Feijão-comum preto

A Região Sul é responsável por mais de 92% da área plantada com o feijão-comum preto nessa segunda safra. O Paraná foi o grande destaque, com mais de 109,2 mil hectares semeados. No início da implantação das lavouras existiam condições que permitiram um bom desenvolvimento das plantas, porém a falta de precipitações registradas entre fevereiro e março afetou o potencial produtivo da cultura. A colheita está finalizada, confirmando a perspectiva de redução no rendimento médio e na produção final em comparação ao exercício passado, estimando 1.142 kg/ha e 124,7 mil toneladas, respectivamente. Tais valores apontam para redução de 26,3% e 23,8%, respectivamente, em comparação a 2018/19.

Em Santa Catarina, assim como no feijão-comum cores, a colheita do feijão-comum preto está encerrada nos 19,8 mil hectares semeados neste ciclo. O rendimento médio verificado foi de 1.387 kg/ha, representando redução de 7,5% em comparação à safra passada. Os baixos índices pluviométricos intercalados por veranicos comprometeram a expressão do

potencial produtivo do pacote tecnológico empregado pelos produtores. A qualidade do produto colhido tem sido considerada boa, ainda que o grão seja pequeno em algumas partilhas por falta de água no momento da granação. Algumas áreas no Planalto Norte foram atingidas por geada nas fases de granação e maturação, prejudicando a qualidade e a produtividade de forma pontual. De maneira geral, a produção alcançada foi de 27,5 mil toneladas, sendo 5,4% maior que na temporada anterior, principalmente em razão da maior destinação de área visualizada nesta safra.

No Rio Grande do Sul, a colheita foi finalizada, confirmando a expectativa de redução no rendimento médio em comparação à temporada anterior, especialmente em razão da escassez de chuvas registradas ao longo do ciclo, impactando o potencial produtivo da cultura. De maneira geral, a produtividade média ficou em 1.189 kg/ha, e a de produção em torno de 22,4 mil toneladas, sinalizando diminuição de 16% e 17,9%, respectivamente, em comparação a 2018/19.

Feijão-caupi

Na Região Norte, Tocantins apresenta maior relevância na produção. Neste ciclo foram semeados 29 mil hectares, visto que a maior parte dessas áreas são manejadas em condição de sequeiro, plantadas mais precocemente, e outra porção semeada em condição subirrigada, cultivada em áreas de várzea e que tem o plantio mais tardio. A colheita da cultura em sequeiro está finalizada, e as lavouras irrigadas estão com as operações em andamento. De maneira geral, a produtividade média da cultura neste exercício se mostra superior àquela obtida na temporada passada, perfazendo assim uma produção de 32,6 mil toneladas, representando incremento de 36,4% em comparação a 2018/19.

Na Região Nordeste, o feijão-caupi tem grande importância, principalmente por apresentar alta demanda consumidora. O grão faz parte do hábito alimentar de seus habitantes e isso impacta na expressiva destinação de área que a região apresenta em comparação as demais regiões brasileiras. Nessa segunda safra, por exemplo, foram aproximadamente 692,5 mil hectares plantados com a cultura. Desse cultivo, a produção regional estimada é de 295,9 mil toneladas, representando aumento de 20,2% em relação ao resultado obtido na temporada anterior.

No Maranhão, a colheita está finalizada nos 27,8 mil hectares semeados com o feijão-caupi nessa segun-



da safra. A produção ficou em 17,3 mil toneladas, sendo 6% inferior ao volume colhido em 2018/19.

No Ceará houve aumento de área plantada em comparação à temporada anterior. Os bons preços pagos pelo grão estimularam os produtores a expandirem o cultivo, além das condições climáticas favoráveis apresentadas durante o ciclo. A colheita está finalizada nos 380,4 mil hectares cultivados com o feijão-caupi nessa segunda safra, alcançando uma produção de 144,9 mil toneladas, representando incremento de 32,2% em relação a 2018/19, tanto pelo crescimento de área quanto pelas melhores condições climáticas e, consequente, melhor rendimento da cultura.

Na Paraíba foram cerca de 76,5 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra, representando incremento de 12,4% em comparação a 2018/19. A colheita está se encaminhando para seu encerramento e a perspectiva é de produção na ordem de 33 mil toneladas (aumento de 65% em relação ao mesmo período, especialmente em razão das melhores condições climáticas apresentadas nesse ciclo).

Em Pernambuco, o feijão-caupi de segunda safra é semeado em diversas regiões no sertão do estado. A sua maior rusticidade e resistência ao estresse hídrico favorecem seu cultivo nessas localidades. Além disso, nesta safra, o comportamento das precipitações pluviométricas, de uma maneira geral, favoreceram as lavouras de feijão, uma vez que as perdas registradas se

deram de forma isolada, principalmente em razão do excesso de chuvas incidido durante os estádios de florescimento, maturação e colheita. Dessa forma, com a finalização da colheita, foi confirmado o aumento na produção em comparação a 2018/19, chegando a 40,2 mil toneladas colhidas (aumento de 12%).

Na Bahia, a colheita dos 35 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra está finalizada. A produção final ficou em 27,3 mil toneladas, representando diminuição de 13,3% em relação ao volume colhido na temporada passada. Tal variação está atrelada à escassez de chuvas, principalmente na fase de enchimento de grãos, gerando menor rendimento da cultura.

Na Região Centro-Oeste, Mato Grosso e Goiás são os principais produtores. O primeiro destinou cerca de 118,6 mil hectares ao plantio do feijão-caupi nesse período. Tal área representa redução de 4,3% em comparação a 2018/19 em razão da maior competição com as culturas de milho, algodão e gergelim. A colheita está finalizada, registrando aumento de produtividade média em comparação a 2018/19 (10,8% superior), bem como incremento na produção final, que alcançou 143,6 mil toneladas. Já em Goiás, a colheita também está encerrada nos 15 mil hectares semeados nesse ciclo, apresentando incremento na produção de 37,3% em comparação a 2018/19, resultando em um volume final de 17,3 mil toneladas.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Oeste Maranhense				PP	P/G	DV/F	FR/M	M/C				
	Centro Maranhense				PP	P/G	DV/F	FR/M	M/C				
MA	Sul Maranhense				PP	P/G	DV/F	FR/M	M/C				
	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
CE	Norte Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C					
MS	Norte Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MT	Nordeste Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sudeste Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Noroeste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
GO	Norte Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Noroeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Central Mineira		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Vale do Rio Doce		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Oeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Zona da Mata		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Central Espírito-Santense		P/G	DV	DV/F	M/C	C						
ES	Campinas		P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C						
SP	Assis		P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C						
	Itapetininga		P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C						
	Norte Central Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR	FR/M	M/C						
PR	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C						
	Oeste Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
SC	Norte Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Sul Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva
 Baixa restrição - geadas ou baixas temperaturas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Aproveitando-se da demanda contínua que o feijão possui no hábito alimentar dos brasileiros, bem como o seu ciclo de desenvolvimento mais reduzido em comparação a outras culturas, como soja e milho, há um escalonamento da produção do grão

Feijão-comum cores

As lavouras estão se encaminhando para o final do ciclo, demonstrando bons rendimentos, até o momento, em boa parte dos estados produtores. No geral, a expectativa é de incremento na produção em comparação à temporada passada. Ao todo são esperadas 829,8 mil toneladas colhidas, representando aumento de 23,4% em relação a 2018/19.

Na Região Norte, o cultivo, nesse ciclo, ficou restrito a Tocantins, com o plantio de 2,4 mil hectares. As lavouras estão em plena colheita, e a perspectiva é de produção na ordem de 6,7 mil toneladas, indicando incremento de 39,6% em comparação à temporada anterior.

Na Região Nordeste há uma grande destinação de área para o plantio do feijão-comum cores na terceira safra. O regime pluviométrico de algumas localidades da região favorece tal cultivo, além da utilização da irrigação em boa parte dessas lavouras. De maneira geral, foram cerca de 300,2 mil hectares semeados com a cultura nesse período, com maior destaque para a produção na Bahia e em Pernambuco, devendo perfazer uma produção de 280,8 mil toneladas.

Na Bahia, a colheita está em andamento (com previsão de finalização em setembro) nos 190 mil hectares destinados à cultura nessa terceira safra. Mesmo com redução de área plantada em comparação à temporada anterior, a expectativa continua otimista em relação à produção final, devendo alcançar cerca de 205,2 mil toneladas, representando crescimento de 90%. Vale destacar que ao longo do ciclo houve relatos de incidência de mosca-branca em algumas áreas, mas sem impactos expressivos no rendimento da cultura. A produção destinada ao comércio atacadista é estimada em 32,1% da área cultivada, sendo manejada por pequenos e médios produtores e se concentrando no território de identidade do Semiárido Nordeste II. Nessa produção, utiliza-se um nível tecnológico intermediário, com a utilização de fertilizantes e defensivos, e a colheita ocorre com arranquio manual e debulhamento mecânico. A comercialização segue forte, com cotações aquecidas, tendo quase o dobro do volume comercializado, comparado ao mesmo período da safra passada.

Em Pernambuco, os 76,8 mil hectares destinados ao cultivo do feijão-comum cores nessa terceira safra

ao longo do ano-safra, gerando assim três períodos distintos para o plantio e colheita do feijão. Neste momento, as lavouras de terceira safra estão, majoritariamente, em fase de colheita com perspectiva total de produção na ordem de 879,8 mil toneladas.

estão colhidos. De maneira geral, o incremento na área plantada em comparação a 2018/19, bem como o aumento no rendimento médio, potencializaram a produção, que alcançou 59,9 mil toneladas, demonstrando aumento de 20,3% em comparação à temporada anterior.

Na Região Centro-Oeste foram semeados cerca de 116,9 mil hectares com o feijão-comum cores nesse período, distribuídos entre Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal. A expectativa de produção é na ordem de 310,9 mil toneladas, superando o valor obtido no exercício anterior.

Em Mato Grosso, a colheita está em andamento, e deve se estender até setembro, visto que, até o fim de agosto, cerca de 40% dos 53,9 mil hectares semeados com a cultura nessa temporada já foram colhidos. A perspectiva para a produção é boa, tanto pelo aumento de área plantada, verificado nesta safra, bem como as melhores condições climáticas, favorecendo o desenvolvimento da cultura, que é manejada sob irrigação. No geral, são esperadas cerca de 128,8 mil toneladas colhidas, simbolizando acréscimo de 18,4% em relação a 2018/19.

Em Goiás, o desenvolvimento das lavouras está bem avançado, inclusive com a colheita já alcançando mais de 95% dos 59,3 mil hectares semeados com a cultura nesse ciclo. O cultivo é manejado sob condição irrigação, e a perspectiva é que sejam produzidas cerca de 170,8 mil toneladas, representando aumento de 8,9% em comparação a 2018/19.

No Distrito Federal foram semeados cerca de 3,2 mil hectares, representando incremento de 3,2% em comparação a 2018/19. As operações de colheita estão em andamento, com perspectiva de produção na ordem de 9,9 mil toneladas, também indicando aumento em relação ao volume obtido na temporada passada.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados representantes na produção de feijão-comum cores nessa terceira safra. No geral, foram 85,8 mil hectares destinados a tal cultivo, com projeção de produção na ordem de 229,3 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a área plantada foi de 70,6 mil hec-



tares para o feijão-comum cores nessa terceira safra. As lavouras estão em excelentes condições, com a colheita avançando e alcançando 40% da área total. A perspectiva para produção final é boa, indicando aumento de 7,1% em relação a 2018/19, chegando a 194 mil toneladas produzidas.

Feijão-comum preto

A representação do feijão-comum preto na terceira safra é reduzida, com pequenas áreas plantadas em Minas Gerais (cerca de 200 hectares), Distrito Federal (cerca de 200 hectares), além de uma maior concen-

Feijão-caupi

A terceira safra de feijão-caupi se concentra nas Regiões Norte e Nordeste, com maior destaque para o Pará, Pernambuco e Bahia. Nesta temporada 2019/20, foram destinados cerca de 64,3 mil hectares ao culti-

vo da cultura, alcançando uma produção estimada de 37,9 mil toneladas. Tal resultado representa redução de 20,9% em relação ao volume obtido em 2018/19, especialmente pela diminuição de área plantada.

tração em Pernambuco, que, neste ciclo, alcançou cerca de 16,2 mil hectares semeados. De modo geral, as lavouras apresentaram bom desenvolvimento, e a produção estimada ficou em 12 mil toneladas, sendo 53,8% maior que na temporada passada.

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão terceira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PE	Agreste Pernambucano								P	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
BA	Nordeste Baiano	C							P	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
MT	Norte Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C								P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Itapetininga	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.5. GERGELIM

Na safra 2019/20, a Conab passou a monitorar a cultura do gergelim. A área cultivada foi de 175 mil hectares, um aumento de 230,2% em relação ao efetivado na safra passada.

Em Mato Grosso, a safra 2019/20, que parecia bastante promissora ao gergelim, apresentou diversos problemas em relação à produtividade média. Grande aumento de área foi registrado em relação à última temporada, visto que o espaço alocado à cultura triplicou, passando de 53 mil hectares para 172 mil hectares, tendo como motivação sua alta

rentabilidade e adaptabilidade ao clima de Mato Grosso na segunda safra.

No entanto, fatores diversos, como a falta de rotação com outras culturas, o manejo inadequado, problemas com sementes e semeadura fora da janela, prejudicaram seu desempenho.

A produtividade média deste ciclo é calculada em 548 kg/ha, 29,7% abaixo da registrada no ciclo passado, de 780 kg/ha.

6.1.6. GIRASSOL

A estimativa para a safra 2019/20 é de retração na área plantada. A estimativa é que sejam cultivados 47,1 mil hectares, que, comparados com a safra anterior, equivalem à retração de 25% na área.

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, a colheita se estendeu até agosto, mês em que foi finalizada. O rendimento médio obteve declínio, de 5,6%, devido às condições climáticas adversas, como a escassez hídrica, que afetou a cultura, bem como à incidência de pragas, que provocou prejuízo às lavouras.

Dessa forma, o cenário não foi positivo para a cultura no estado, pois, além da queda na produtividade média, houve também retração na área plantada, dada à maior rentabilidade de culturas concorrentes como o

milho e o algodão.

Em Goiás, a cultura está 100% colhida. Devido à escassez de chuvas na fase reprodutiva da cultura, os rendimentos foram bem diferenciados, dependendo da região, e só não foi inferior devido às cultivares possuírem um desenvolvimento radicular profundo para as regiões do cerrado.

No Distrito Federal, a colheita foi concluída, efetivando a produtividade média em 2.100 kg/ha. A área foi de 700 hectares, o que resultou em uma produção de 1,5 mil toneladas, semelhante à obtida na safra passada. A produção local é destinada principalmente para composição de ração animal.

Em Minas Gerais, a colheita está concluída. Nesta safra não houve contrato para plantio nas áreas do triângulo mineiro e, com a falta de incentivo, as áreas de plantio apresentaram significativa redução.

5.1.7. MAMONA

A estimativa para a safra 2019/20 é de retração na área cultivada. A estimativa é que foram semeados 45,5 mil hectares, comparando-se à safra anterior, equivalem à retração de 2,4% na área.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se retração de área para a região em 1,6%, e a produção é de cerca de 41,4 mil toneladas.

Na Bahia, nesta safra, estima-se que o cultivo foi realizado em uma área de 42,9 mil hectares, visto que 50% dessas lavouras são remanescentes da safra passada (soca) e os outros 50% foram semeadas em janeiro e fevereiro. A colheita está finalizada, e estima-se que foram produzidas 41,2 mil toneladas de grãos.

No Ceará, a mamona segue em retração de área como nas safras anteriores devido ao fim do programa estadual de produção de biodiesel. A área registrou uma redução de 44% e se restringe a poucos municípios da região dos Inhamuns e Sertão Central.

Em Mato Grosso, a área se limitou a 2,1 mil hectares, com produtividade média de 912 kg/ha, 4,8% menor do que os 958 kg/ha observados na temporada passada. Sua expansão esbarra em questões como a restrição de tecnologia para o cultivo e o manejo ainda incipiente no estado, bem como na forte concorrência na segunda safra com culturas mais rentáveis, como o milho, algodão e gergelim.



5.1.8. MILHO

5.1.8.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra, em virtude das adversidades climáticas, foram observadas grandes oscilações no rendimento da cultura conforme as regiões produtoras. No entanto, o maior problema da safra 2019/20 ocorreu na Região Sul, a partir de dezembro passado, quando as chuvas no Rio Grande do Sul praticamente cessaram, causando severas perdas, uma vez que de janeiro a abril choveu aproximadamente a metade do volume esperado para o período. Apesar do forte incremento observado na área plantada, a produção brasileira teve seus quantitativos para a primeira safra apresentando alterações de somente 0,2%, quando comparada com a temporada passada, saindo de 25,6 milhões de toneladas na temporada 2018/19 para 25,7 milhões na atual.

Na Região Norte-Nordeste, as expectativas de comercialização estimularam fortemente o plantio, com incremento na área atingindo 10,6% em relação à safra passada, ocupando uma área de 1.325,6 mil hectares. O bom desempenho do clima nas fases importantes das lavouras promoveu forte incremento nas produtividades, e a produção, consequentemente, atingiu

5.944,6 mil toneladas, representando aumento de 29% em relação ao exercício anterior.

Na Região Centro-Oeste ocorreu importante incremento no plantio, com a área cultivada apresentando elevação de 3,6% em relação ao plantio anterior. A produção atingiu a marca de 2.918,5 mil toneladas, 10,6% de incremento em relação à do ano passado.

Na Região Sudeste ocorreu redução na área plantada, atingindo 1.072,9 mil hectares, contra 1.113 mil observado na temporada passada. Esse fato gerou uma produção de 6.576,1 mil toneladas, redução de 0,1%, comparada à safra anterior, basicamente em decorrência da menor área cultivada nesta safra.

Na Região Sul, a área plantada com o cereal experimentou aumento de 2,2% em relação à safra passada. No entanto, a forte instabilidade do clima impactou fortemente o desempenho das lavouras, particularmente no Rio Grande do Sul, com a produção atingindo 10.249,8 mil toneladas, uma redução de 13,2%, comparando-se à temporada anterior.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Leste Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PR	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C				
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	FR/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	FR/M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Alta Restrição - Falta de Chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



5.1.8.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

As chuvas no primeiro trimestre do ano foram bastante generosas em diversas partes do Brasil, especialmente no semiárido (nordestino e mineiro) e na região do Matopiba. Contudo, na Região Sul e no sul do Mato Grosso do Sul, os volumes de precipitação foram bem abaixo da média, essa escassez de chuvas comprometeu fortemente o desempenho das lavouras.

De maneira geral, os totais de precipitações na Região Sul, além do pouco volume acumulado e da baixa frequência de dias com chuvas em muitas localidades, contribuíram ainda mais para a continuidade e o aumento do déficit hídrico no solo. Também nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, algumas localidades em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás apresentaram volumes de chuva abaixo da média ao longo do desenvolvimento das lavouras. Na região do Matopiba, as chuvas foram generosas, com ocorrência de precipitações significativas, resultando em grandes volumes acumulados, que, em alguns momentos, dificultou inclusive a colheita dos grãos.

Para o presente exercício ocorreu um aumento na área plantada de 6,8% em relação à safra passada, atingindo 13.757,3 mil hectares. Esse incremento se traduziu em um consequente aumento da oferta, com a produção da segunda safra atingindo 75,1 milhões de toneladas, 2,6% acima ao resultado da última temporada.

Na Região Norte/Nordeste, a área plantada com o cereal apresentou incremento de 2,3% em relação à safra passada, atingindo 1.572,3 mil hectares. O bom desempenho do clima em fases importantes da cultura proporcionou importante elevação nos níveis de produtividade em relação à safra passada, que redundou na produção de 4.536,5 mil toneladas, representando aumento de 15,5%, comparada com o período anterior.

Em Rondônia, a área cultivada nesta safra evoluiu 4%, atingindo 186 mil hectares. A justificativa para o aumento da área está relacionada à valorização do grão ao longo dos meses no mercado interno. A produtividade variou positivamente em 3,5%, atingindo 5.209 kg/ha. O principal fator que contribuiu para esse rendimento foi o clima, com boa distribuição de chuvas, que garantiu bom suprimento de água para a maioria dos talhões ao longo do ciclo da cultura. Com aumento de área e produtividade, a produção que foi de 900,1 mil toneladas na safra passada variou positivamente em 7,6%, totalizando 968,9 mil toneladas na safra 2019/20.

No Maranhão, o plantio da segunda safra, operação

exclusiva dos municípios da região sul, ocorreu após a colheita da soja, em fevereiro e março. A área plantada atingiu 182,4 mil hectares, 5,1% menor que o ocorrido na safra anterior devido à redução da janela de plantio ideal, visto que houve veranico no período do plantio da soja e um leve atraso na colheita. A colheita do cereal teve início na primeira quinzena de junho e terminou na segunda quinzena de agosto. A produtividade média é estimada em 5.358 kg/ha, 28,1% acima da safra anterior, bom resultado, especialmente para os produtores que plantaram no início da janela de plantio, quando as lavouras se beneficiaram das chuvas de abril. A produção atingiu 977,3 mil toneladas, incremento de 21,5%, comparando-se com o exercício passado.

No Piauí ocorreu forte redução na área em relação à safra anterior, na ordem de 58,7%. Essa redução se justificou pelas irregularidades climáticas no início do calendário agrícola e do consequente atraso no plantio da soja. Com isso, a janela para plantio do milho ficou bastante comprimida, e os produtores optaram por não correr maiores riscos ao plantar fora da janela ideal. Dessa forma, a área ficou em 32,1 mil hectares, correspondendo à menor área plantada nos últimos três anos. A produtividade obtida foi de 4.567 kg/ha, 2% inferior ao ocorrido na safra passada. O plantio da cultura teve início no final de fevereiro e encerrou em março. As chuvas ocorridas no final de maio não foram suficientes para auxiliar a cultura na fase de enchimento de grãos. A colheita teve início na segunda quinzena de junho e finalizou em agosto.

Em Tocantins houve um acréscimo de 19,2% na área semeada com milho, acompanhado pelo aumento na produtividade, em torno de 3,4%. A colheita já está encerrada no estado. Os produtores chegaram a colher mais de 7.200 kg/ha nas primeiras áreas semeadas, o que demonstra o potencial das lavouras no estado. A produtividade média atingiu 5.084 kg/ha, crescimento de 3,4%, comparada com a última safra, devido ao plantio dentro da janela e às condições climáticas favoráveis. A produtividade crescente é resultado dos investimentos tecnológicos aplicados na lavoura, principalmente nos manejos tecnológicos, na adubação de base e plantio mecanizado.

Na Região Centro Oeste, principal produtora do cereal no país, a área plantada apresentou incremento de 9,1%, atingindo 8.926,2 mil hectares, contra 8.179,2 mil hectares observados no ano passado. A produção atingiu 53.917,5 mil toneladas, representando incremento de 7,4%, comparada ao exercício passado.

Em Mato Grosso, os trabalhos de colheita foram en-



cerrados em agosto. A safra 2019/20 tem se demonstrado excelente, garantindo ao produtor bons retornos aos seus investimentos. No fechamento da safra, importantes municípios produtores chegaram a registrar produtividade média equivalente a 7.200 kg/ha, fruto dos crescentes investimentos aplicados à cultura. Nesse contexto, com área semeada de 5.414,4 mil hectares e rendimento médio de 6.392 kg/ha, o estado colheu produção recorde de 34.608,8 mil toneladas. Além da maior produção colhida, o retorno em termos monetários tem sido excelente, tendo em vista a explosão das cotações em âmbito estadual. Essa combinação, que tem oferecido excelente rentabilidade, além de justificar os investimentos empregados ao milho no ciclo 2019/20, como por exemplo, melhores pacotes tecnológicos e sementes de maior qualidade, estimulam a continuidade dessa tendência para a temporada 2020/21.

Em Mato Grosso do Sul, 60% da área estimada havia sido colhida até o final de agosto, encontrando-se atrasada em comparação com à safra anterior e à média histórica. Tal atraso deve-se ao efeito cascata, a partir do plantio, quando aproximadamente 25% das lavouras foram semeadas fora do período recomendado. Nas lavouras onde a umidade encontra-se elevada, os produtores aguardam para colher, pois haverá muito desconto nos armazéns e gastos com secagem. Há grande variabilidade nas condições das lavouras, a depender da região, época de colheita, tipo e manejo de solo e cultivares plantadas. A produção de grãos está assentada principalmente na bacia do rio Paraguai, onde os solos são de textura mais argilosa, e, portanto, de maior capacidade de retenção de água e nutrientes e com maior fertilidade natural. Desde o início de agosto, a cultura já estava com a produtividade definida, de forma que chuvas adicionais não mais influenciaram a safra. No norte e nordeste do estado, onde o clima foi mais quente em julho e agosto, a colheita já se encontra praticamente finalizada, mas no leste, sul e centro-sul, encontra-se atrasada, de forma que ela deverá se estender até o final de setembro.

Em Goiás a colheita foi encerrada com os grãos apre-

sentando boa qualidade e boas condições sanitárias. Apenas as lavouras cultivadas fora da janela ideal de plantio obtiveram rendimentos inferiores a 6.000 kg/ha. De um modo geral, foram alcançadas produtividades entre 6.300 kg/ha e 6.660 kg/ha, com exceção das regiões leste e norte onde os rendimentos ficaram em torno de 5.520 kg/ha. Grãos com densidade baixa também foram relatados naquelas áreas que sofreram estresse hídrico no período de enchimento de grãos.

Em São Paulo, o cereal segue com boas expectativas para o produtor devido aos preços praticados, um vez que a área plantada apresentou crescimento de 7,5% em relação à safra anterior. O estado experimentou ausência de chuvas ao longo de todo o desenvolvimento da cultura, e a produtividade estimada, até o momento, sugere uma redução de 17,4% em relação ao observado no exercício passado, com reflexos na produção que deverá atingir 2.335,5 mil toneladas, representando redução de 11,3%, comparada à safra passada.

Na Região Sul, a área plantada apresentou incremento de 1,3%, atingindo 2.277,2 mil hectares. A produção atingiu 11.413,3 mil toneladas, com uma redução de 15,4% em relação ao período anterior, em virtude do desempenho observado no Paraná, único produtor regional, bastante afetado pelas péssimas condições do clima.

No Paraná, por ocasião do levantamento, a colheita atingia aproximadamente 67% da área plantada e ganhará celeridade nos próximos dias, em virtude da proximidade do fim do vazio sanitário da soja. O percentual atualmente colhido é bem inferior ao verificado na safra anterior, quando essa operação já estava praticamente concluída. Tal situação se deve ao atraso do plantio ocorrido nesta safra e às fortes chuvas em junho e agosto, que dificultaram as operações de colheita. A produtividade estimada está prevista atingir 5.012 kg/ha, significativamente abaixo da obtida no ciclo anterior, 6.004 kg/ha, prejudicada por estiagens ocorridas em estágios de desenvolvimento susceptíveis à lavoura.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra								
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	DV/F	F/FR	FR	FR/M	C		
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Jaguaribe		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro-Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RN	Oeste Potiguar		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Potiguar			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PB	Sertão Paraibano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Paraibano			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - GO		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
SP	Assis - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Itapetininga - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
Favorável
Média restrição - falta de chuva
Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.8.3. MILHO TERCEIRA SAFRA

Para a terceira safra de milho, a Conab continuará monitorando o desenvolvimento da cultura. As estimativas para a temporada 2019/20 dão conta de uma área plantada atingindo 532,2 mil hectares, com possibilidades da produção, em face do positivo quadro climático, atingir 1.758,7 mil toneladas, incremento de 44,3% em relação à safra passada.

Na Bahia, as lavouras do milho terceira safra são cultivadas na região nordeste do estado, sob o regime hídrico das chuvas de inverno. Esse cereal está ocupando a área de 231,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 693,3 mil toneladas de grãos, representando um incremento de 155,2% em relação ao que foi produzido no ano anterior. Os plantios foram realizados em abril e maio, e a boas condições hídricas durante o ciclo vegetativo e produtivo está garantindo produtividade média recorde, estimando-se atingir 3.000 kg/ha. A colheita, que foi iniciada por pequenos produtores, atinge 20% da área total e deve se estender até

dezembro. Os produtores mais capitalizados armazenam a produção em silos bolsas, e os produtores menores vendem logo após a colheita.

Em Sergipe, a produção de milho em virtude do bom regime de chuvas na presente safra, será uma das maiores já alcançadas. As lavouras estão muito bem desenvolvidas e com alto potencial produtivo, gerando a expectativa de que a safra atual supere significativamente a produção obtida no ciclo anterior. Com relação aos estádios das lavouras, cerca de 10% se encontram na fase de floração, 70% em estágio de enchimento de grãos e apenas 20% em fase de maturação fisiológica. De uma forma geral, as lavouras se encontram em ótimo estado, com alguns relatos pontuais de excesso de umidade, que provocaram problemas de ordem operacional, como a dificuldade do acesso de máquinas durante o período de aplicação de fungicida e adubação de cobertura. Há relatos de ataques de pulgão em diversas



áreas, em intensidade acima do ocorrido nos últimos anos, mas que foram controladas. Nesta safra foram plantados 153,6 mil hectares de milho, com uma produtividade esperada de 5.528 kg/ha e produção final de 849,4 mil toneladas.

Em Alagoas, o plantio do milho se encontra finalizado, com a expectativa que a colheita ocorra em setembro. No presente levantamento, a área plantada ficou estimada em 38,4 mil hectares, correspondendo a um incremento de 13,3% em relação à safra passada, com produtividade média de 1.600 kg/ha, que representa 11,9% de aumento em relação ao alcançado na safra anterior. A perspectiva dos grandes produtores é de aumento na produção, pois as condições climáticas estão bastante favoráveis. Vale destacar que uma

parte da produção se encontra em estágio reprodutivo, principalmente entre os produtores que utilizam elevada tecnologia.

Em Roraima, a área cultivada é de 13 mil hectares de milho, com a previsão de colheita em outubro. A expectativa de produtividade permanece na média estadual, de 6.000 kg/ha. A maioria dos produtores de milho empresarial também plantam soja em áreas distintas e na mesma janela de plantio.

Dessa forma, em razão do desempenho das três safras implantadas nesta temporada, a totalidade da produção brasileira de milho deverá atingir 102.503 mil toneladas, representando um acréscimo de 2,5% em relação ao ocorrido no exercício passado.

Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho terceira safra

A mais importantes regiões produtoras do país - Milho terceira safra														
UF	Mesorregiões	Milho terceira safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
PE	Agreste Pernambucano - PE	M/C	M/C	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	M/C	M/C	C				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	M/C	M/C	C	C			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.9. SOJA

A área plantada da soja brasileira cresceu 3% em relação à safra passada, saindo de 35.874 mil hectares para os atuais 36.949,8 mil hectares. Esse comportamento encontrou respaldo na forte liquidez que o produto apresenta na sua comercialização, no comportamento do câmbio neste ano e a expectativa futura para a oleaginosa. Os bons resultados da safra passada e da atual, tanto financeiros quanto de produtividade, motivaram os agricultores na incorporação de novas áreas, especial-

mente no uso dessa lavoura para a renovação de pastagens degradadas, presente na maioria dos estados produtores. Essa prática deverá se intensificar nos próximos anos, principalmente pela atratividade das linhas de crédito oficiais incluídas no Plano ABC e também com o interesse pelo sistema Integração, Lavoura e Pecuária (ILP). A produção nesta temporada atingiu 124.844,5 mil toneladas, representando aumento de 4,3% em relação ao período anterior.

5.1.9.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

Chuvas atrasadas marcaram o início desta safra, mas ao longo do desenvolvimento das lavouras, o regime de chuvas foi normalizando. A partir de janeiro, com a regularização do clima, observou-se a melhoria significativa das lavouras, resultando numa boa safra neste exercício.

Em Rondônia, a área cultivada com a soja de primeira safra foi de 328,2 mil hectares. Com o advento do plantio da segunda safra da oleaginosa, a área desta safra atingiu 20,2 mil hectares, contribuindo para que o total implantado com as safras atingisse 348,4 mil hectares. A produtividade média foi de 3.541 kg/ha, variando positivamente em 6,5%, comparando com a safra passada. O incremento na produtividade decorreu

basicamente do nível tecnológico empregado, além da melhor distribuição das chuvas durante a primeira safra. A produção apresentou aumento de 11,2%, comparada à safra anterior, totalizando 1.233,7 mil toneladas, reflexos do aumento da área e produtividade.

Em Tocantins houve incremento de 4,8% na área em relação à safra passada, alcançando 1.078 mil hectares. A expectativa de maior produtividade que existia no início da safra se concretizou, alcançando aumento de 8,3%, atingindo 3.322 kg/ha. A produtividade poderia ser maior se não fosse o excesso de chuvas na colheita, ocorrido entre janeiro e março. A soja subirrigada, plantada no estado, possui a característica de ser um plantio de segunda safra, destinada exclu-



sivamente à produção de sementes. Apesar de uma expectativa inicial de redução de área por problemas hídricos, houve expansão no plantio de 5,5% em relação à safra passada. A colheita já supera os 50% da área plantada, devendo ser encerrada na terceira semana de setembro. As produtividades alcançadas, até o momento, estão em torno de 3.000 kg/ha. A variabilidade nos níveis de produtividades ocorre devido à grande heterogeneidade nos ciclos das variedades, destinadas à produção de sementes.

No Maranhão, a lavoura foi implantada entre outubro e fevereiro deste ano, e a colheita se estendeu até junho. Na região sul maranhense, maior produtora estadual, houve veranico entre outubro e novembro passado, ocasionando replantio e migração de área para o cultivo de milho. Dessa forma, houve redução de 1,6% no plantio em relação à safra 2018/19, ficando em 976,4 mil hectares. A produtividade média atingiu 3.206 kg/ha, que representa um incremento de 6,3% em relação ao ano anterior, graças às boas condições climáticas na presente safra. Portanto, a produção estimada ultrapassou as 3.130 mil toneladas, 4,6% acima da produção alcançada na safra anterior.

No Piauí, as irregularidades pluviométricas no início da semeadura em outubro, ocasionaram forte replantio, e mais da metade da área replantada migrou para milho, pois a janela de plantio da oleaginosa já havia encerrado, e o milho já apresentava condições de mercado bastante favoráveis ao produtor. Dessa forma, a

Houve incremento na área plantada, de 3,3% em relação ao verificado no plantio passado, atingindo 16.640,1 mil hectares. De um modo geral, o clima favorável e o regime de chuvas abundantes e generalizadas, favoreceram a produtividade média das lavouras devido à conjunção de clima, com maiores investimentos. O bom desempenho contribuiu para que a produção atingisse o nível recorde de 60.697,5 mil toneladas, incremento de 10,2% em relação ao período 2018/19.

Em Mato Grosso, a safra 2019/20 foi muito positiva para a soja, onde as condições climáticas favoráveis e maiores investimentos garantiram elevada produtividade média, culminando numa safra estadual recorde, de 35.884,7 mil toneladas, que representou incremento de 8,9% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso do Sul, a falta de chuvas de abrangência geral em setembro, outubro e novembro, foram o principal entrave para a estabilidade e continuidade da semeadura, crescimento e desenvolvimento da

área efetivamente plantada foi de 758,9 mil hectares, aumento de 0,1% em relação à safra passada. Após as intempéries climáticas na fase de implantação da lavoura, as chuvas retornaram, mas foram insuficientes para atender a lavoura nos seus diversos estágios, ocorrendo queda na produtividade de 2,8% em relação à safra passada, atingindo 3.377 kg/ha, contra 3.475 kg/ha na safra passada.

Na Bahia, as lavouras ocuparam nesta safra a área de 1,62 milhão de hectares, e a produção está estimada em 6.122 mil toneladas de grãos. Foi registrado aumento de 40 mil hectares na área cultivada, expansão ocorrida sobre áreas de algodão e de pousio. A soja é cultivada no extremo-oeste do estado, e estima-se que da área de verão, cerca de 77%, esteja coberta com esta oleaginosa, e os demais 23% com outros grãos. O plantio foi iniciado em outubro e se estendeu até janeiro de 2020. O veranico ocorrido na última quinzena de 2019 prejudicou a germinação de cerca de 30% das lavouras, havendo replantio em 5% da área. A regularização das chuvas em janeiro e sua permanência até abril permitiu ótimo desenvolvimento das lavouras, mas provocou atraso na colheita, havendo ocorrências de grãos ardidos. A boa oferta hídrica, aliada à baixa pressão de pragas e doenças e ao manejo aplicado pelo produtor garantiram a produtividade média de 3.779 kg/ha, representando incremento de 10,5% em relação ao exercício passado.

5.1.9.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

cultura da soja. A predominância de chuvas esparsas e em quantidades irregulares provocou atrasos, limitando o plantio a aproximadamente 50% da área total do estado na primeira semana de novembro, ante a 80% da safra anterior.

Além dos atrasos, houve a necessidade de replantios, estimados em 8% da área total.

A partir de novembro, as chuvas se regularizaram, ocorrendo de forma suficiente e bem distribuídas para a cultura em todo o estado, possibilitando expressar seu potencial.

A cultura já foi colhida, e atualmente os produtores começam a dessecar as áreas de cultivo para o plantio a partir de setembro, caso haja condições climáticas favoráveis. A área estimada nesta safra foi de 3,016,4 mil hectares, e a produção atingiu 11.362,8 mil toneladas, correspondendo a um incremento de 16,4% em relação ao exercício passado.

Em Goiás, apesar do atraso do plantio em razão das



condições climáticas, a cultura, depois de implantada, aproveitou o bom regime de chuvas e apresentou um ótimo rendimento.

Para a próxima safra, os produtores já adquiriram os insumos, basicamente fertilizantes e sementes

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa apresentou a maior elevação percentual dentre as regiões, com incremento de 7,2% em relação ao período anterior, quando foi plantado 2.571,1 mil hectares. A produção alcançada foi de 10.131,1 mil toneladas, representando aumento de 17,6% em relação à safra passada.

Em Minas Gerais, a área cultivada com a oleaginosa

5.1.9.4. REGIÃO SUL

Ocorreu incremento na área plantada de 1,7% em relação ao observado no exercício anterior. Sendo uma região onde as terras agrícolas já estão consolidadas, a expansão se dá, basicamente, às custas de outras culturas, no caso o milho, feijão e na transição gaúcha, em áreas de arroz. A região saiu do patamar de 11.879,6 mil hectares para 12.085,1 mil hectares na temporada 2019/20. As adversidades climáticas nos períodos críticos da lavoura foram responsáveis pela forte redução da produção, estimada nesta safra em 9,2%.

Em Santa Catarina, nos últimos seis anos, a área semeada com soja tem crescido a uma taxa média de 2,41% ao ano. Nesta safra, as chuvas nas regiões produtoras apresentaram diferenças marcantes. Os planaltos norte e sul observaram redução significativa nos níveis hídricos acumulados em relação às regiões oeste e extremo-oeste. Por serem regiões de maior altitude e que utilizam o plantio de trigo como cultura de inverno, estas regiões são semeadas mais tardiamente – novembro e dezembro. Neste exercício, de janeiro a março, quando as necessidades das lavouras coincidem com as fases mais críticas em relação ao suprimento de água, as chuvas foram poucas e concentradas, apresentando veranicos sucessivos. Outro fator que contribuiu para a queda da produtividade, que atingiu 3.310 kg/ha, ou seja 9,1% menor que a safra passada, foi o rendimento nas áreas de safrinha, semeadas em janeiro e fevereiro. As chuvas nesse período foram significativamente menores que em anos anteriores.

No Rio Grande do Sul, essa safra foi marcada pela ocorrência de severa seca, uma das piores da história recente, que causou uma significativa redução na produção tanto em relação às safras anteriores quanto ao potencial produtivo das lavouras. As perdas variam entre regiões do estado, mas chegaram a

adquiridas, mas que serão disponibilizadas aos produtores quando estiver mais próximo do plantio, por dependerem de condições especiais de armazenamento (câmaras frias).

5.1.9.3. REGIÃO SUDESTE

foi de 1.647,3 mil hectares. Em razão das condições climáticas favoráveis, houve aumento de 9,6% na produtividade estadual, em comparação com a safra anterior, atingindo 3.747 kg/ha no seu fechamento. A combinação dos incrementos possibilitou a produção de 6.172,4 mil toneladas, representando aumento de 14,6% em relação à safra passada.

praticamente 60% nos locais mais afetados, em torno de 30% nos menos afetados.

O início do ciclo produtivo da cultura ocorreu dentro da normalidade, já que a evolução da semeadura aconteceu de forma idêntica às safras anteriores. A semeadura iniciou em outubro, 10% da área, sendo interrompida no final do mês devido à ocorrência de altos volumes de chuva, e continuou em novembro com ótimas condições de solo, que permitiram a evolução até 76% da área prevista. Em dezembro foi semeado praticamente o restante das lavouras, restando somente eventuais áreas de safrinha a ser semeadas em janeiro. Porém, apesar da semeadura ter ocorrido de forma adequada, dezembro foi marcado por irregularidade de chuvas e temperaturas muito altas durante vários dias, o que paralisou o crescimento das lavouras e prejudicou a germinação daquelas semeadas naquele mês. A ausência de chuvas e altas temperaturas perduraram até o início de janeiro, quando choveu de maneira geral no estado, repondo o estoque hídrico do solo e permitindo que as lavouras se recuperassem. Apesar disso, principalmente na parte central do estado, já havia comprometido o potencial produtivo.

As chuvas de janeiro mantiveram a expectativa de uma safra dentro do padrão dos últimos anos, porém desde o evento de chuva no início do mês até o final de abril praticamente choveu somente um terço do esperado para o período, o que, associado ao excessivo calor, baixa umidade e ventos, reduziu drasticamente o estoque de água disponível nos solos e fez a expectativa de rendimento da cultura despencar mais de 40% em relação à expectativa inicial dos produtores.

Com a evolução da colheita, que se iniciou mais cedo devido à aceleração do ciclo da cultura, as perdas co-



meçaram a se concretizar. As regiões Central, Metropolitana e Sul foram as que apresentaram as maiores perdas, variando de 50% a 60% do potencial produtivo, seguido pelas regiões Campanha, Planalto Médio e Campos de Cima da Serra com perdas de 40% a 50%, e as regiões Fronteira Oeste, Missões, Norte

e Alto Uruguai com perdas de 20% a 40%. Além das perdas em volume produzido, também foram verificadas perdas de qualidade no produto colhido, já que a falta de água interromperia o enchimento de grãos, causando grande ocorrência de grãos verdes, miúdos e enrugados.

Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2019/20)

UF	Mesorregiões	Soja													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	C	
RO	Leste Rondoniense		P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C							
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C				
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C							
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
SP	Itapetininga		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



5.1.10. SORGO

A área total de sorgo na safra 2019/20 é estimada em 835,2 mil hectares, um incremento de 14,1% em relação à safra anterior. A estimativa é que o Brasil produza 2.498,1 mil toneladas nesta safra.

No Pará, o cultivo do sorgo tem sido usado para proteção de solo e cultivo de grãos para produção de ração animal. A área plantada se estabilizou em reação à safra passada, a estimativa é que foram plantados 20,3 mil hectares.

Em Tocantins, a colheita já está finalizada, com rendimento médio de 2.112 kg/ha. As produtividades apresentaram grande variação, com áreas colhendo desde 30 scs/ha até 40 scs/ha. Essa variação de produtividade esteve ligada ao uso ou não de tecnologias, que é diretamente relacionada com a época e região de plantio. A cadeia produtiva do sorgo é voltada para a fabricação de ração animal. É prática na região o cultivo do sorgo como rotação de cultura.

No Maranhão, o sorgo é cultivado em municípios da região sul do estado, como rotação de cultura após a colheita da soja e é utilizado na alimentação animal. O cereal apresenta pouco destaque e menor adesão de plantio, frente aos preços favoráveis das demais culturas de sucessão como o milho.

Estima-se uma área cultivada de 10,6 mil hectares, com redução de 1,9% em relação à safra passada. O rendimento médio obtido pela cultura foi de 2.244 kg/ha, e a produção estimada em 23,8 mil toneladas.

No Piauí, o sorgo é uma cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio ocorreu entre o final de março e início de abril. Por ser uma cultura mais rústica e que apresenta menor exigência hídrica que o milho, os produtores optaram por investir nessa cultura. Com isso, a área estimada atingiu 28,5 mil hectares, 5% inferior à safra anterior. A produtividade é de 1.811 kg/ha. A colheita finalizou na segunda quinzena de agosto.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo, com dupla aptidão, vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 0,6 mil hectares, contra 0,7 mil hectares da safra passada, ou seja, uma redução de 8,6%. A produção estimada do grão será 25% menor que a safra 2019.

Na Paraíba, por fatores econômicos, os produtores tra-

dicionalmente exploram o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Em relação ao sorgo granífero, a cultura registrou na safra 2018/19 a área de 200 hectares e média de 1.700 kg/ha. Para esta safra, no entanto, em decorrência das condições climáticas extremas que provocaram excesso de chuvas, impossibilitando os tratos culturais e o controle de pragas, a cultura foi totalmente devastada. Na Bahia, estima-se que foram cultivados 81,4 mil hectares, redução de 22,4% em relação à safra passada. Essa redução na área do sorgo registrada no centro-sul do estado, motivada pela mudança de comportamento do produtor, que após sucessivos anos agrícolas com estiagem, optou pela produção de silagem de sorgo ao invés de colher o grão. As lavouras no centro-sul e centro-norte foram semeadas em janeiro e fevereiro e colhidas em maio e junho, obtendo produtividades de 15 scs/ha.

Essa produção será utilizada nas criações de bovino, ovinos, aves e suínos. No extremo-oeste os plantios foram realizados durante maio, em sucessão à lavoura da soja e a colheita ocorreu em julho e agosto. A falta de chuvas na fase de enchimento de grãos limitou o potencial produtivo da cultura, que obteve o rendimento médio de 50 scs/ha. A produção do sorgo é destinada ao setor granjeiro, reduzindo os custos da ração em substituição ao grão do milho.

Em Mato Grosso, a cultura do sorgo obteve aumento de área de 43,4%, passando de 32,5 mil hectares para 46,6 mil hectares, e maior rendimento médio, de 2.964 kg/ha, ante os 2.856 kg/ha registrados no ciclo passado, resultando em produção de 138,1 mil toneladas.

O cenário de retomada do sorgo nesse estado é reflexo do quadro conjuntural do milho, em que preços elevados e oferta restrita dessa commodity incentivam a opção por seu produto substituto mais próximo para a formulação de ração animal, o sorgo. Ainda assim, é importante destacar seu caráter bastante subsidiário em relação às demais culturas de segunda safra, tendo perdido muito sua importância no estado nos últimos anos. Sua colheita foi finalizada em agosto.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura já foi toda colhida nas regiões norte e nordeste, enquanto para as regiões sul e centro-sul atingiu um percentual de aproximadamente 25% da área implantada. Nesses locais, as primeiras lavouras colhidas estão indicando uma produtividade média de 60 scs/ha, similar àquela apresentada no norte e nordeste, a qual é considerada muito satisfatória diante dos investimentos realizados.

O restante dos cultivos está em ponto de colheita e/ou



perdendo umidade, não sendo mais influenciado por questões climáticas e fitossanitárias. A maior parte das lavouras foram experimentais, ou seja, primeira vez que o produtor semeia a espécie, e os bons resultados desta safra devem impactar em aumento de área para os próximos anos.

É estimado um aumento de 20% na produtividade e na produção em relação à safra anterior.

Em Goiás, a falta de chuvas em março e abril reduziram o potencial das lavouras. Praticamente 90% das lavouras estão colhidas no estado. Algumas áreas no sul e leste do estado não foram nem colhidas devido à não formação de cachos com grãos, servindo apenas de pastagem para bovinos. Além das chuvas, outro agravante foi o ataque do pulgão amarelo da cana-de-açúcar, que reduziu muito o potencial das lavouras.

Há relatos de produtores que tiveram grau elevado de queda na produtividade esperada em suas lavouras e que não conseguiram cumprir os contratos de entrega do produto. Apesar disso, em muitos municípios, a qualidade dos grãos se manteve de regular a boa, apenas com relatos de perda de peso devido à má formação de cachos e consequentemente problemas na fase de enchimento de grãos.

Grande parte do volume colhido foi comercializada (em torno de 90%), visto que o produtor não tem o hábito de armazenar sorgo. Basicamente esse produto segue para indústria de ração. Neste ano, observou-se que produtores tiveram dificuldades em entregar os volumes pré-fixados em contratos (em torno de 50% do volume contratado, e em alguns municípios não foram entregues).

No Distrito Federal, estima-se um incremento de área de 73,7%, comparando com a safra passada, visto que 60% já foram colhidas, e a produtividade média é estimada em 4.980 kg/ha, resultando em uma produção de 49,3 mil toneladas, 81,3% superior à obtida na safra anterior.

Em Minas Gerais, estima-se uma redução de 4% da área e um aumento de 7,2% na produção. As lavouras apresentaram excelentes condições, cultivadas em áreas onde a soja foi colhida mais tardiamente e quando a janela de plantio para o milho segunda safra já não era tão favorável. A produtividade média é estimada em 3.898 kg/ha. O produto colhido é considerado de boa qualidade. Estima-se que 60% das lavouras já estejam colhidos.

Quadro 12 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo									
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				P	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C
	Vale São-Franciscano da Bahia	P	P/G/DV	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.2. CULTURAS DE INVERNO

As lavouras estão em desenvolvimento nos quase 2.914,8 mil hectares semeados com as culturas de inverno nesta safra, representando acréscimo de 11,6% em comparação à temporada passada. As condições, até o

momento, são consideradas satisfatórias, e a perspectiva de produção também aponta para um resultado superior àquele obtido em 2019, podendo chegar a 8.412,4 mil toneladas produzidas.

5.2.1. AVEIA-BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, as condições climáticas estão oscilando, com algumas áreas apresentando registros de geadas e ventos fortes, provocando acamamento em certas lavouras no estado. Atualmente, a colheita está em fase inicial nos 45 mil hectares semeados (área plantada 20,6% superior a 2019) com a cultura neste ciclo. A perspectiva é de produção na ordem de 81 mil toneladas, representando acréscimo de 79,6% em comparação à safra anterior, principalmente em razão das condições climáticas muito ruins, visualizadas na temporada passada.

No Paraná foram cerca de 85,9 mil hectares semeados com a cultura nesta safra. Tal área plantada demonstra decréscimo em comparação ao ano passado em razão da maior concorrência com o cultivo do trigo. Atualmente, as lavouras estão, majoritariamente, nas fases de frutificação e maturação, além de pequenas áreas já colhidas ao longo do estado. De maneira geral, as condições são consideradas satisfatórias, mesmo com algumas intempéries registradas pontualmente, tal como a ocorrência de geadas. Assim, a projeção de produção é de 208,6 mil toneladas, sendo 23,2% superior

ao volume obtido em 2019.

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas registradas em agosto vinham sendo favoráveis à cultura, mas, a partir do dia 20, com o ingresso de uma frente fria que derrubou as temperaturas e causou geadas generalizadas, a situação é de apreensão quanto à mensuração de eventuais perdas. As geadas ocorreram quando grande parte das lavouras estava em fase crítica à ocorrência de baixas temperaturas. Nas regiões das Missões e no Planalto Médio, estima-se que entre 60% a 80% das lavouras estavam em floração. Os danos nessas regiões poderão ser expressivos em relação ao potencial produtivo da cultura. Na região mais central (Centro e parte do Planalto Médio), uma área menor estava em floração, entre 30% a 50%, atenuando as possíveis reduções. Apenas no Alto Uruguai, onde parte já foi até mesmo colhida e havia pouca área em floração, as perdas deverão ser pequenas. No geral, 35% das lavouras do estado se encontram em fase de alongamento de colmo e emissão da panícula, 54% em florescimento, 8% em enchimento de grãos, 1% em maturação e 2% colhida..

Quadro 13 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MT	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense					PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas	Favorável	Média restrição - geadas ou baixas temperaturas
Baixa restrição - geadas ou baixas temperaturas		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.2.2. CANOLA

No Paraná, a cultura foi semeada em regiões distintas, mantendo maior concentração das lavouras no centro-sul, centro-oriental e norte pioneiro. Nesta safra houve redução na destinação de área para o cultivo, especialmente em razão dos baixos rendimentos alcançados na temporada passada, bem como a menor rentabilidade da cultura em comparação a outros cultivos de inverno. No geral, foram 400 hectares semeados neste ciclo, visto que atualmente as lavouras implantadas estão em fase de frutificação e maturação, com perspectiva de produção na ordem de 700 toneladas.

No Rio Grande do Sul, a cultura demonstrava bom

desenvolvimento, porém, as geadas registradas em agosto devem influenciar no rendimento da cultura, sendo favorecida pelas condições climáticas registradas no último mês. Com 49% das lavouras em floração, 48% em enchimento de grãos e 3% em maturação, já se estimam perdas importantes para a produção final. Diferentemente das últimas safras, em que as intempéries causaram danos principalmente no Planalto Médio e Centro, com Missões colhendo safras boas, nesta safra todo o estado será afetado. A expectativa de produtividade média foi reduzida para 1.221 kg/ha, devendo produzir cerca de 42,5 mil toneladas.

5.2.3. CENTEIO

No Paraná, os 3,2 mil hectares semeados com a cultura nessa temporada representam aumento na área plantada em comparação à safra passada, especialmente pelos benefícios da farta palhada gerada pelo cereal, após sua colheita, para os cultivos subsequentes. Até o momento, as lavouras apresentam boas

condições de desenvolvimento, no entanto, as baixas temperaturas registradas no último mês proporcionaram a ocorrência de geadas em alguns pontos, podendo impactar no potencial produtivo da cultura. Atualmente, a previsão é de produção na ordem de 7,7 mil toneladas.

5.2.4. CEVADA

No Paraná houve aumento de 3,3% na área plantada em comparação a 2019, chegando a 62,7 mil hectares semeados nesta safra. Tal variação pode ser explicada pelo fomento por parte das maltarias ao cultivo do cereal. O clima está favorável à cultura, visto que, por ser plantada mais tarde, não foi atingida pela estiagem registrada no estado em maio, e as geadas ocorridas em agosto atingiram as lavouras em fases não tão críticas para o rendimento dos grãos.

Em Santa Catarina, devido aos baixos resultados obtidos em alguns municípios na safra passada e aos preços mais atrativos do trigo, houve diminuição na área semeada de 53% em comparação a 2019, alcançando cerca de 700 hectares nesta safra. As lavouras estão apresentando bom desenvolvimento, visto que algu-

mas áreas semeadas mais cedo já despontam em estádios mais avançados de maturação, com boas perspectivas de rendimento na colheita.

No Rio Grande do Sul houve diminuição na área plantada em comparação ao ano passado, ficando em 39,1 mil hectares semeados com a cultura neste ciclo. As condições climáticas se apresentavam adequadas ao desenvolvimento da cultura até meados de agosto, quando foram registradas geadas em diversas regiões produtoras, afetando o potencial produtivo da cultura. As mensurações de perdas em rendimento ainda não são conclusivas, mas a tendência é que haja diminuição na produtividade esperada, especialmente daquelas lavouras que já estavam em fases críticas do desenvolvimento.

5.2.5. TRIGO

Na Bahia, a previsão é que sejam semeados cerca de Na Bahia foram semeados cerca de 3 mil hectares com o trigo nesta safra. A região produtora está localizada principalmente entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto, uma vez que nessas regiões as condições edafoclimáticas são consideradas adequadas ao desenvolvimento do cereal. Atualmente, as lavouras estão em fase de enchimento de grãos, com perspectiva de início da colheita a partir da segunda

quinzena de setembro, devendo alcançar 17,1 mil toneladas produzidas.

Em Mato Grosso do Sul, a colheita do trigo já começou nos 32 mil hectares semeados com a cultura nesta safra. As condições climáticas têm oscilado bastante ao longo do ciclo, com relatos pontuais de intempéries como estiagem, ventos fortes e geadas, podendo impactar no potencial produtivo esperado. Ainda assim, com o incremento de área plantada visualizado nesse



ciclo, bem como o baixo rendimento médio alcançado em 2019, a estimativa é de produção superior ao ano passado, devendo chegar a 80 mil toneladas nesta temporada.

Em Goiás, o trigo é cultivado tanto em condições irrigadas (sistema pivô central) como em sequeiro, visto que nesta temporada a proporção deve ser de 50% da área plantada em cada um desses sistemas de manejo. No geral, a destinação de área foi menor em comparação à temporada anterior, saindo de 32,4 mil hectares em 2019 para 23,1 mil hectares nesta safra. Grande parte dessa redução está relacionada à opção de cultivar outras culturas sob pivô, como o feijão, em detrimento da produção de trigo, reduzindo a proporção das áreas irrigadas. Assim, a produtividade média tende a decrescer em comparação à temporada anterior, estando atualmente estimada em 3.900 kg/ha (redução de 20,4%). Atualmente, as lavouras em sequeiro já estão colhidas, e as áreas irrigadas apresentam variadas fases de desenvolvimento, uma vez que o estágio de enchimento de grãos é o predominante.

Figura 4 - Lavoura de trigo irrigado em estágio de maturação no município de Formosa – GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal houve aumento na área plantada, especialmente em razão dos melhores preços pagos pelo produto nesta safra em comparação com o ciclo anterior. Foram 2,6 mil hectares destinados à produção de trigo (acréscimo de 8% em relação a 2019), com o cultivo sendo manejado tanto em condições de sequeiro como irrigado. Neste momento, as lavouras em sequeiro já estão colhidas, e a triticultura irrigada começou seu processo de colheita nos últimos dias, devendo se estender até o fim de setembro. Ao todo, são esperadas cerca de 11 mil toneladas do cereal nesta safra, apontando um significativo acréscimo em comparação ao resultado obtido no ano passado.

Em Minas Gerais, a triticultura é manejada tanto em condição de sequeiro como em sistema irrigado. De maneira geral, as lavouras em sequeiro estão em fase mais avançada de colheita, chegando à reta final de sua execução. Já as áreas destinadas ao cultivo irrigado tiveram uma semeadura mais tardia e, atualmente, encontram-se predominantemente em estágio de maturação e colheita, porém com um percentual menor de área finalizada. Ao todo, foram aproximadamente 83,5 mil hectares destinados à triticultura nesta safra. As condições climáticas registradas, até o momento, têm sido benéficas ao rendimento da cultura, e a projeção de produção é de 214,5 mil toneladas.

Em São Paulo houve acréscimo na área plantada de 10,5% em comparação à temporada passada, especialmente em razão das melhores condições de mercado para a comercialização do cereal, que estimularam os produtores a um maior investimento na produção e, consequentemente, expandir a área semeada. Dessa forma, foram aproximadamente 85,5 mil hectares plantados neste ciclo, com boas projeções para a produção final, estimada em 258,7 mil toneladas (aumento de 10,5% em relação a 2019). As lavouras estão alcançando as fases reprodutivas, apresentando, neste momento, boas condições.

No Paraná houve aumento de área plantada em relação a 2019. Os bons preços pagos pelo cereal, bem como a tradição do estado com a triticultura, motivaram tal incremento, alcançando 1.112,8 mil hectares. O clima tem oscilado durante o ciclo, visto que algumas intempéries como chuvas fortes, geadas e rajadas de ventos trouxeram alguns prejuízos que poderão impactar no rendimento final da cultura. Atualmente, as lavouras estão consideradas de boa a média condição, majoritariamente. A colheita já teve início em algumas regiões do estado (especialmente no norte paranaense), e a perspectiva é de produção próxima a 3.282,8 mil toneladas.

Em Santa Catarina, as lavouras estão em pleno desenvolvimento, apresentando boas condições fitossanitárias, até o momento. Ao todo, foram cerca de 54,5 mil hectares semeados com a cultura neste ciclo, demonstrando crescimento de 7,9% em relação à safra anterior. As primeiras áreas cultivadas já estão em estágios de florescimento e granação, porém a maior parte das lavouras ainda se encontra em desenvolvimento vegetativo. As temperaturas mais baixas, registradas em agosto, trouxeram ocorrência de geadas em alguns pontos, preocupando os produtores, porém ainda sem uma mensuração precisa dos impactos causados à triticultura. No geral, a estimativa atual é de produção na ordem de



162,4 mil toneladas, um crescimento de 6,6% em relação à safra anterior.

No Rio Grande do Sul houve aumento na área plantada em comparação à safra passada. Ao todo, foram 930,3 mil hectares semeados com a cultura nesse ciclo, representando incremento de 26,4% em comparação a 2019. Os melhores preços pagos pelo cereal neste ano, bem como os resultados aquém do esperado com as culturas de verão, estimularam os tricultores a destinar maiores áreas ao plantio do trigo. As lavouras demonstravam bom desenvolvimento, até o registro de geadas em diversas regiões do estado, no último mês, preocupando os produtores quanto as perdas no potencial produtivo da cultura. Tais danos ainda estão sendo quantificados, mas variam entre as regiões e são maiores naquelas lavouras cujos estádios de desenvolvimento estavam mais avançados. Atualmente, a estimativa de produtividade média está em 2.900 kg/ha, perfazendo uma produção de 2.697,6 mil toneladas.

Figura 5 - Lavouras de trigo em Miraguai/RS, apresentando danos provenientes das geadas



Fonte: Conab.

Quadro 14 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PP	PG/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Oeste Catarinense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Serrana					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - geadas ou baixas temperaturas
 Baixa restrição - geadas ou baixas temperaturas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, a área plantada com a cultura apresentou acréscimo de 5% em relação à safra anterior, chegando a 3,6 mil hectares semeados. A produtividade média projetada é de 2.900 kg/ha, perfazendo uma produção de 10,4 mil toneladas.

No Paraná foram 6,2 mil hectares semeados com a cultura nesta temporada. As lavouras estão apresentando boas condições, até o momento. A estimativa de produção atual é de 18,6 mil toneladas.





6. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

6.1. ALGODÃO

De acordo com o Ministério da Economia, o Brasil exportou 109,0 mil toneladas em agosto, volume 141% superior as 77,2 mil toneladas exportadas no mês passado. Já em relação ao mesmo mês de 2019, o aumento na quantidade exportada é de 240%. Este acréscimo é importante e simbólico, pois mostra um sinal de recuperação da economia mundial e a capacidade do país em bater mais um recorde de exportação de pluma, que foi de 1.61 milhão de toneladas em 2019, mesmo no contexto de desaceleração da economia mundial, devido à crise do Covid 19.

Daqui até o final deste ano, o principal desafio do setor é manter os contratos já firmados e concretizar as entregas, dado o enfraquecimento da demanda global causado pela pandemia. A expectativa, agora, é que com a mitigação dos efeitos da crise sanitária, o Brasil exporte cerca de 1,9 milhão de toneladas.

Entretanto, diante das produções recordes em 2019 e 2020 e do enfraquecimento da demanda interna e externa, os estoques brasileiros deverão ficar próximos das 2,0 milhões de toneladas no final do ano de 2020, maior volume da história. Apesar do alto nível dos estoques, a maior parte já está negociada para entrega futura.

Em relação ao consumo, a Associação Brasileira de Indústria Têxtil (Abit) estima para a variável uma queda em relação ao ano anterior resultando em uma quantidade de 570 mil toneladas consumidas em 2020,

6.2. ARROZ

A Conab estima que a safra brasileira 2019/2020 de arroz seja 6,7% maior que a do ano anterior. Mesmo com a provável intensificação das importações nos próximos meses, a balança comercial deve ser superavitária em torno de 400 mil toneladas. Para o consumo, a Conab projeta crescimento de 5,1%, puxado pelas refeições mais frequentes dentro de casa neste período de pandemia. Quanto aos preços do grão, têm se mantido elevados ao longo de toda a safra.

Mais especificamente sobre o incremento esperado de consumo, com o prolongamento da crise do Covid 19 e o isolamento social de parte da população, identifica-se um aumento na alimentação em domicílio, o que seguramente refletirá em aumento de consumo de arroz.

6.3. FEIJÃO

A segunda safra de feijão 2019/20 foi menor que a de um ano atrás, mas a terceira safra, que está sendo colhida, deve superar a produção da terceira safra do ano passado, segundo estimativas da Conab. Esse aumento da safra corrente chega ao mercado num momento de demanda aquecida. Em março, com o início da pandemia e suas incertezas, houve uma corrida dos consumidores aos supermercados. Esse movimento cessou com o tempo, mas, com a quarentena, as pessoas passaram a se alimentar mais em suas residências, o que aumentou o consumo de feijão. A demanda pelo grão foi potencializada também pelo auxílio emergencial, que elevou o poder de compra das pessoas, e pelo significativo incremento das doações de cestas básicas. Nesse contexto, a Conab revisou o consumo interno de feijão para a safra 2019/20

6.4. MILHO

A Conab realizou ajuste em sua previsão de consumo interno para a safra em curso. O número apresentado é de 68,6 milhões de toneladas, ou seja, apresenta-se um pequeno aumento de 0,4% naquela variável em relação ao divulgado em agosto de 2020. O ajuste é decorrente de adequação nos dados de consumo animal esperado e utilização de milho para produção de etanol na região Centro Oeste.

A previsão de exportação, por outro lado, permanece inalterada e segue previsto um montante total de

patamar no nível dos anos 1980. No mês de agosto, cresceu a demanda por pluma para reposição dos estoques por parte da indústria nacional, sinal positivo de retomada da economia.

Em relação à balança comercial, depois do recorde de superávit de 865,1 mil toneladas na safra 2017/18, agora, a diferença positiva deve se limitar a 400 mil toneladas. Ainda para a safra 2019/20, de março de 2020 até fevereiro de 2021, projeta-se exportação de 1,5 milhão de toneladas e importação de 1,1 milhão de toneladas, com a perspectiva forte demanda internacional e preços nacionais competitivos no mercado externo. No acumulado desta safra, de março a agosto, já se contabiliza superávit de 883,2 mil toneladas. Para os próximos meses, é esperada a importação de cerca de 671,6 mil toneladas a exportação de apenas 188,4 mil toneladas. Esta alteração do comportamento da balança comercial, identificado nos primeiros meses de comercialização da Safra 2019/2020 (março a agosto), ocorre em razão dos elevados preços praticados no Brasil.

para 3,20 milhões de toneladas – até o mês de agosto era projetado em 3,05 mil toneladas –, volume bem ajustado à oferta estimada em 3,23 milhões de toneladas considerando-se as três colheitas ao longo de 2019/20.

Em relação à balança comercial, houve redução das importações devido à forte valorização do dólar frente ao Real. De janeiro a agosto de 2020, o volume adquirido de outros países foi de 14,8 mil toneladas, volume 22% menor que no mesmo período do ano passado.

Já para as exportações, identifica-se um limitado mercado comprador, sem perspectiva de expansão, principalmente diante do elevado preço do grão no país. O feijão caupi é o tipo mais exportado pelo Brasil.

34,5 milhões de toneladas de milho a ser exportado no atual ciclo. O montante exportado até o mês de agosto segundo dados da Secretaria do Comércio Exterior – SECEX, é de 11,7 milhões de toneladas. Dessa maneira espera-se que até janeiro de 2021 cerca de 22,8 milhões de toneladas de milho saiam do país.

Cabe destacar que o total de produto exportado na safra em curso até agosto de 2020 é inferior em 36% ao observado no mesmo período da safra 2018/19. Esse fato, em parte, é justificado pelo atraso ocorrido



na colheita do grão de segunda safra e em parte pelo aumento do consumo doméstico.

Com os ajustamentos propostos, o estoque de passagem esperado deverá ser de 10,4 milhões de to-

neladas de milho, volume suficiente para atender o consumo nacional por 56 dias a partir de fevereiro de 2021. Dessa maneira, a Conab acredita que não existe risco aumentado de desabastecimento do cereal no Brasil.

6.5. SOJA

6.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Os preços (spot) na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) que oscilavam abaixo de 900 centsUS\$/bu (US\$ 330,69/t) desde janeiro/20, atingiram 950centsUS\$/bu (US\$ 349,07/bu) no final de agosto/20, valor que não era superado desde de junho de 2018, no início da guerra comercial entre Estados Unidos e China. A alta dos preços internacionais tem como fundamentos os problemas climáticos que estão afetando a produtividade da soja americana, as exportações da safra 2020/21 e a forte demanda da China que está reforçando seus estoques.

Apesar de o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos ter divulgado no dia 12 de agosto aumento da produção americana de 112,54 milhões de toneladas para 120,42 milhões de toneladas na safra 2020/21, o

clima desfavorável deve levar à revisão para baixo em setembro.

Além do impacto climático, as vendas americanas para exportação da safra 2020/21 estão bastante aquecidas. O USDA estima que já foram negociadas aproximadamente 24,18 milhões de toneladas da soja ainda a ser colhida, contra 6,5 milhões de toneladas no mesmo período de 2019. Em agosto de 2017, antes no início da guerra comercial com a China, a venda antecipada da safra 2017/18 era de 11,50 milhões de toneladas.

Tendo em vista o ritmo aquecido de vendas, o USDA deve ajustar também sua estimativa de exportações para a safra 2019/20 americana.

6.5.2. MERCADO NACIONAL

Os preços internacionais acima de US\$ 9,50/bu somados aos prêmios nos portos também superiores aos do ano passado e da média dos 5 anos e ainda ao dólar com média que ultrapassa os R\$ 5,40 (agosto/20) estão alavancando as cotações no mercado brasileiro. Em agosto, a saca de 60kg teve um preço médio no Brasil de R\$ 112,7, 10,4% acima do preço de julho, R\$ 102,07, e superando em expressivos 58,5% a média de julho/19, que foi de R\$ 71,10.

Para setembro/20 a tendência é que:

1- Os preços na CBOT (spot) continuem elevados, ainda sob influência das questões climáticas nos Estados Unidos e do ritmo intenso de exportação do grão 2019/20 e 2020/21.

2- Os prêmios nos portos devem continuar acima dos praticados em 2019 e na média dos últimos 5 anos, com forte tendência de alta, motivada pelo apetite dos chineses.

3- Os preços internos devem continuar elevados devido a esses fundamentos, mas ainda condicionados à volatilidade do dólar.



As estimativas das exportações brasileiras de soja em grão continuam muitas aquecidas motivadas pelos fortes volumes de comercialização antecipada da safra 2019/20 e dólar elevado.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações em agosto de 2020 somaram 6,23 milhões de toneladas, 30,47% a mais que o exportado em agosto de 2019 que foi de 5,0 milhões de toneladas. No acumulado do ano, o Brasil exportou até o final de agosto, aproximadamente 75,10 milhões de toneladas de soja em grão, enquanto que, no mesmo período de 2019, foram embarcadas apenas 56,17 milhões de toneladas.

Cabe salientar que as exportações dos meses de setembro a dezembro de 2019 foram muito elevadas, totalizando 17,89 milhões de t, motivadas pelo início da alta do dólar que antes de meados de agosto de 2019 era cotado abaixo de R\$ 4,00.

6.6. TRIGO

Os preços do trigo iniciaram agosto com pouca alteração, mas produtores e demais agentes de mercado estiveram bem confiantes com a possibilidade de aumento da nova safra. Na terceira semana, no entanto, o mercado praticamente parou com a previsão de chuvas fortes e geadas no Sul do país, região onde são produzidos aproximadamente 90% do trigo nacional. No Paraná, as geadas ocorreram com mais intensidade no Sudoeste e na parte central do estado. Já no Rio Grande do Sul, a região Oeste foi a mais afetada. As possíveis perdas tanto de produção quanto de produtividade ainda não foram contabilizadas. Diante do cenário de incertezas e do atraso da colheita no Paraná, o trigo neste estado apresentou valorização mensal de 1%, com a média mensal do trigo pão a R\$ 58,82/sc de 60 kg. No Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 57,02/sc, e valorização mensal foi de 1,91%.

No mesmo sentido, a cotação FOB Golfo por mais um mês apresentou valorização, mas de apenas

Neste ano, os embarques de setembro a dezembro não devem alcançar os números de 2019. Segundo agentes de mercado, há pouca soja para ser comercializada.

No momento, a estimativa é que o Brasil exporte aproximadamente 82 milhões de soja em grãos em 2020. Quanto às importações, em agosto, chegaram ao país 78,91 mil toneladas de soja. Apesar de este volume ser muito superior às 12,92 mil toneladas recebidas em agosto de 2019, não é um número que cause impacto no balanço de oferta. A soma das importações de janeiro a agosto de 2020 é de apenas 477 mil toneladas. Para todo o ano, é estimado importação próxima de 1 milhão de toneladas.

Mesmo com a redução de 12 para 10 do percentual de biodiesel no diesel nos meses de setembro e outubro de 2020, ainda é esperado consumo interno total (esmagamento e outros usos) de aproximadamente 47,6 milhões de toneladas.

0,5%, com a média mensal em US\$ 227,56/t. O mercado internacional foi marcado pela demanda global ativa, pela imposição de limite nas exportações pelo governo ucraniano, pelo bom desempenho nas exportações norte-americanas, problemas climáticos que devem impactar a safra argentina e também pela previsão de menor safra em alguns países da União Europeia.

Para suprir a demanda interna, em agosto, o Brasil importou 595,3 mil toneladas de trigo, sendo 49,9% de origem argentina. Outros 22% vieram dos Estados Unidos, 8,4%, do Canadá, 8,7% partiu da Rússia, 5,8%, do Uruguai e 5,2% tiveram origem no Paraguai. Praticamente não houve exportação no mesmo período.

Como as possíveis perdas na produção e produtividade ainda não foram contabilizadas, não houve alterações significativas no quadro de oferta e demanda, que será ajustado nos próximos levantamentos.



Tabela 5 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMEN-TO	CONSUMO	EXPOR-TAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2013/14		445,5	1.734,0	31,5	2.211,0	810,0	748,6	652,4
	2014/15		652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
	2015/16		712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
	2016/17		585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
	2017/18		629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
	2018/19		1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
	2019/20	Ago/20	1.487,7	2.929,7	1,0	4.418,4	570,0	1.920,0	1.928,4
Set/20		1.487,7	2.931,8	1,0	4.420,5	570,0	1.920,0	1.930,5	
Arroz em casca	2013/14		1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15		868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16		962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17		430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18		711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
	2018/19		671,8	10.483,6	1.037,7	12.193,1	10.278,1	1.360,9	554,1
	2019/20	Ago/20	554,1	11.180,1	1.100,0	12.834,2	10.800,0	1.500,0	534,2
Set/20		554,1	11.183,4	1.100,0	12.837,5	10.800,0	1.500,0	537,5	
Feijão	2013/14		129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15		303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16		198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17		186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18		302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
	2018/19		287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
	2019/20	Ago/20	240,7	3.180,8	100,0	3.521,5	3.050,0	160,0	311,5
Set/20		240,7	3.229,8	120,0	3.590,5	3.200,0	120,0	270,5	
Milho	2013/14		5.720,8	80.051,7	789,2	86.561,7	53.520,8	20.882,8	12.158,1
	2014/15		12.158,1	84.672,4	315,4	97.145,9	56.483,3	30.131,3	10.531,3
	2015/16		10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7
	2016/17		5.231,7	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,6
	2017/18		15.876,6	80.709,5	900,7	97.486,8	59.162,0	23.742,2	14.582,6
	2018/19		14.582,6	100.042,7	1.596,4	116.221,7	64.957,8	41.074,0	10.189,9
	2019/20	Ago/20	10.189,9	102.142,3	900,0	113.232,2	68.427,5	34.500,0	10.304,7
Set/20		10.189,9	102.503,0	900,0	113.592,9	68.662,5	34.500,0	10.430,4	
Trigo	2014		2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
	2015		1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
	2016		1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
	2017		2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
	2018		2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
	2019		1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.460,6	342,3	227,4
	2020	Ago/20	227,4	6.832,1	6.700,0	13.759,5	12.497,4	500,0	762,1
Set/20		227,4	6.814,2	6.700,0	13.741,6	12.497,2	500,0	744,4	

Fonte: Secex, importação e exportação até a safra 2019/20; Conab, demais dados.

Notas: Estimativa em setembro/2020. Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



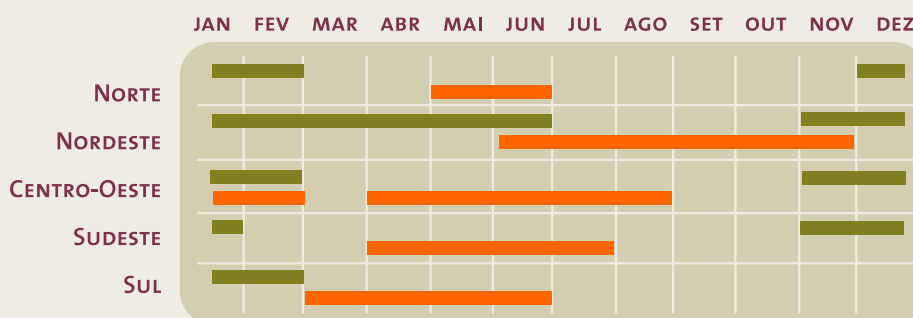


7. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

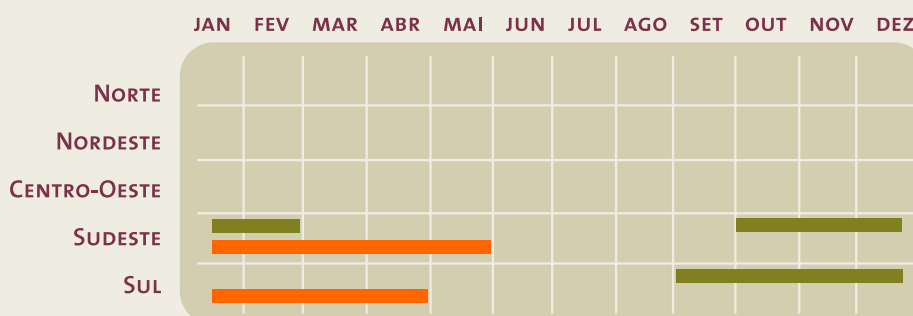
Plantio Colheita



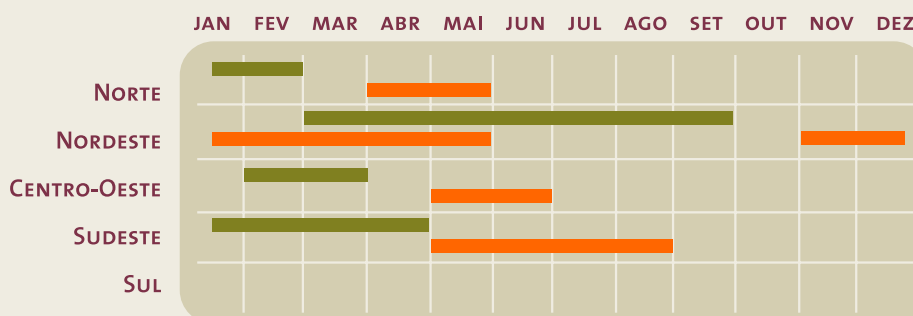
Algodão



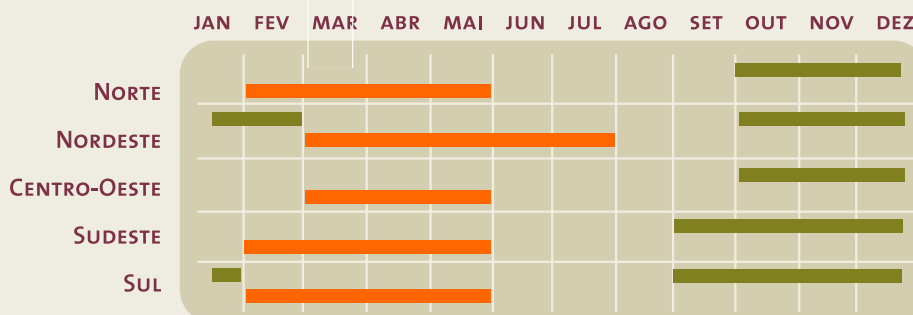
Amendoim
1ª safra



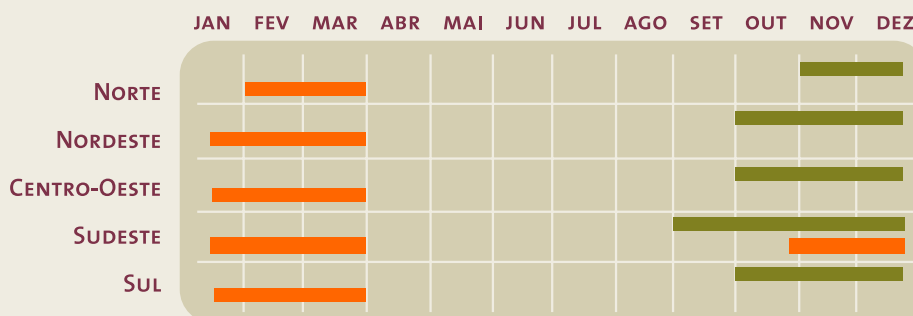
Amendoim
2ª safra



Arroz

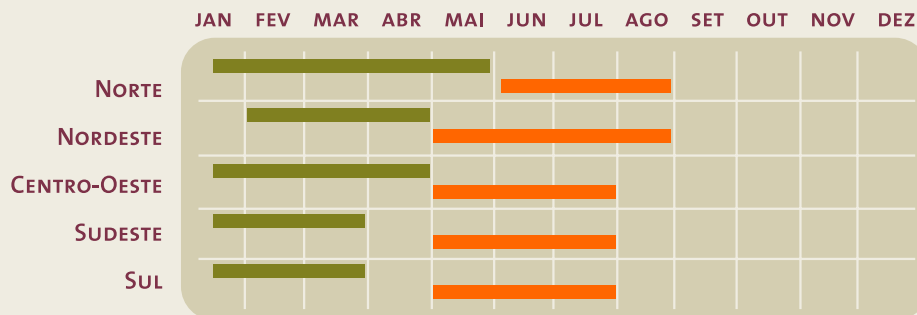


Feijão 1ª safra

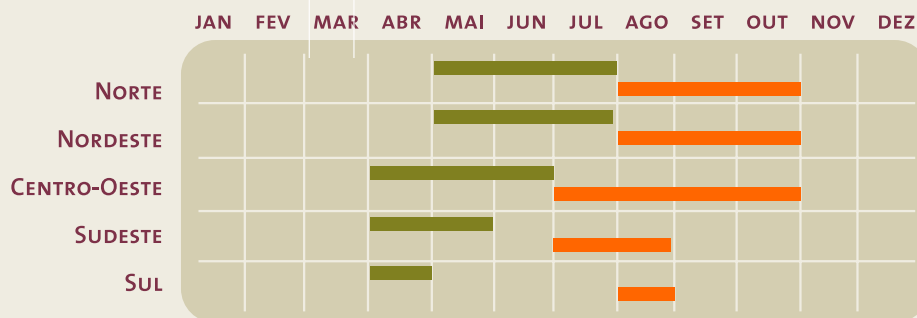




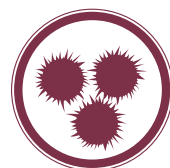
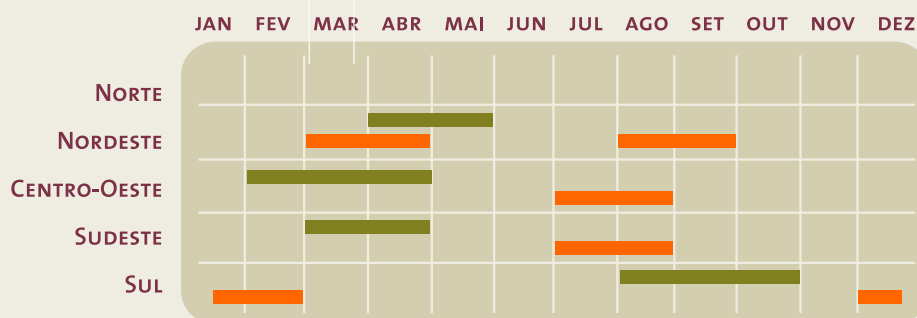
Feijão 2ª safra



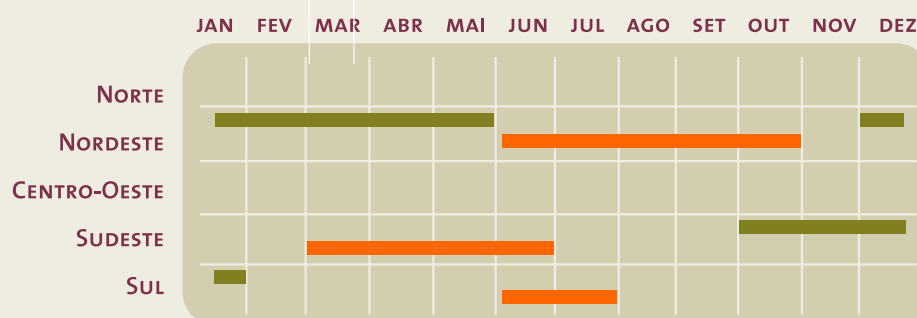
Feijão 3ª safra



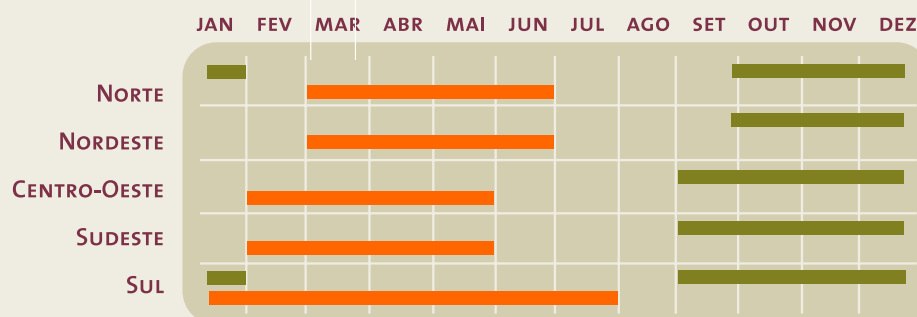
Girassol



Mamona

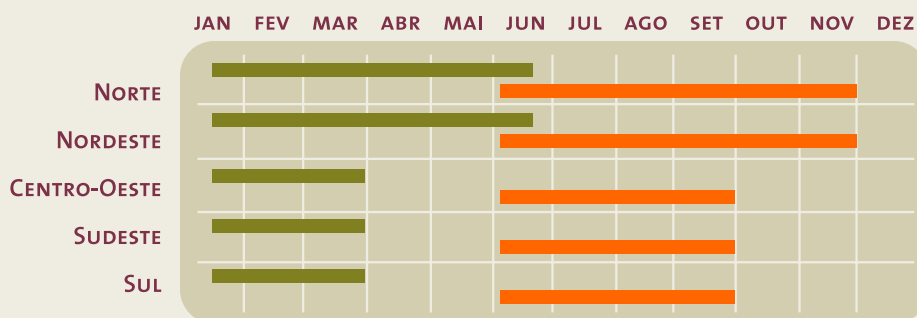


Milho 1ª safra

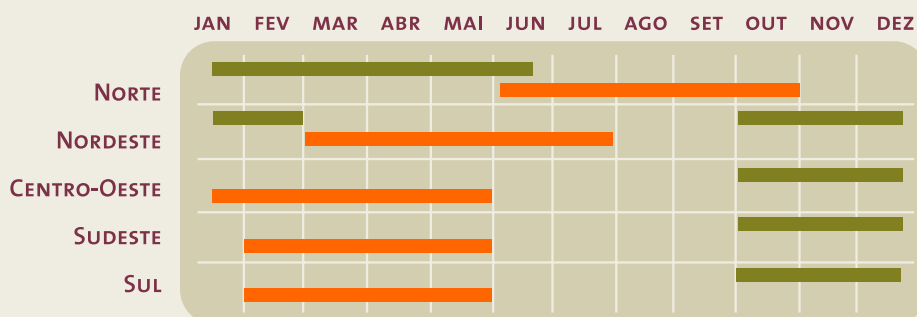




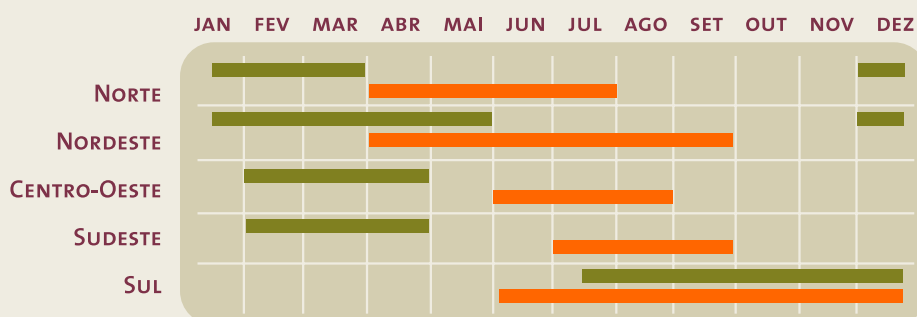
Milho 2ª safra



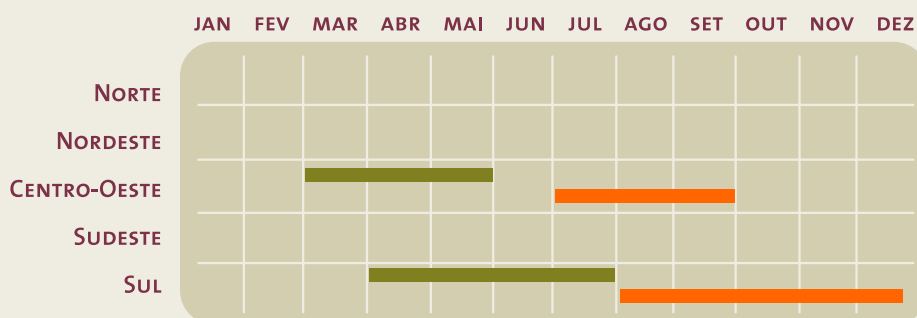
Soja



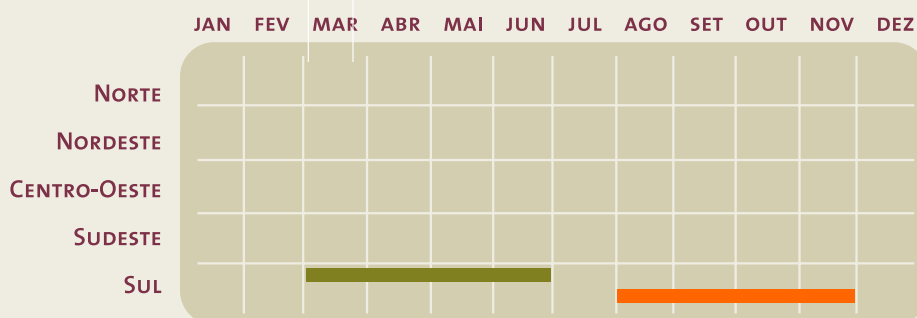
Sorgo

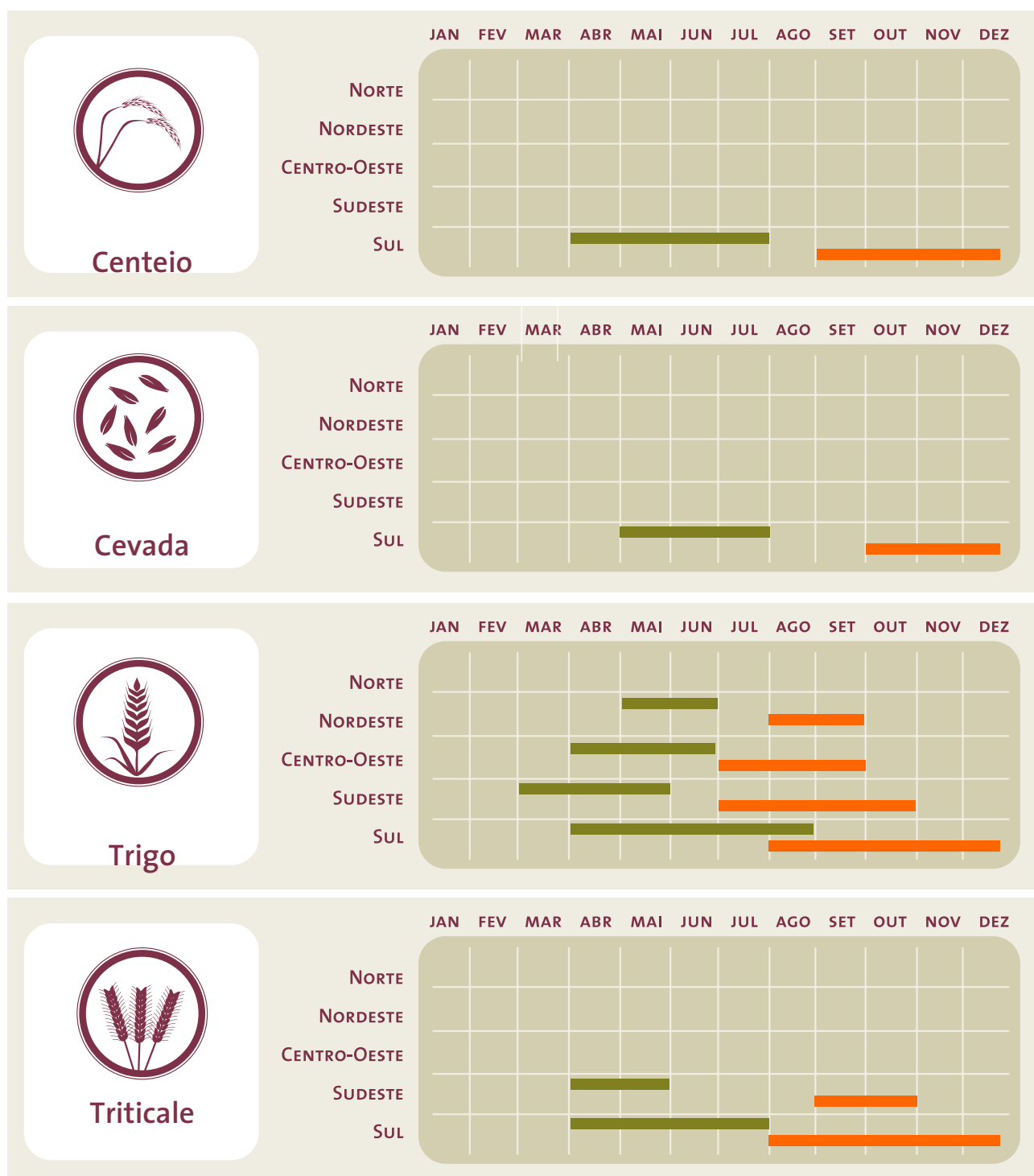


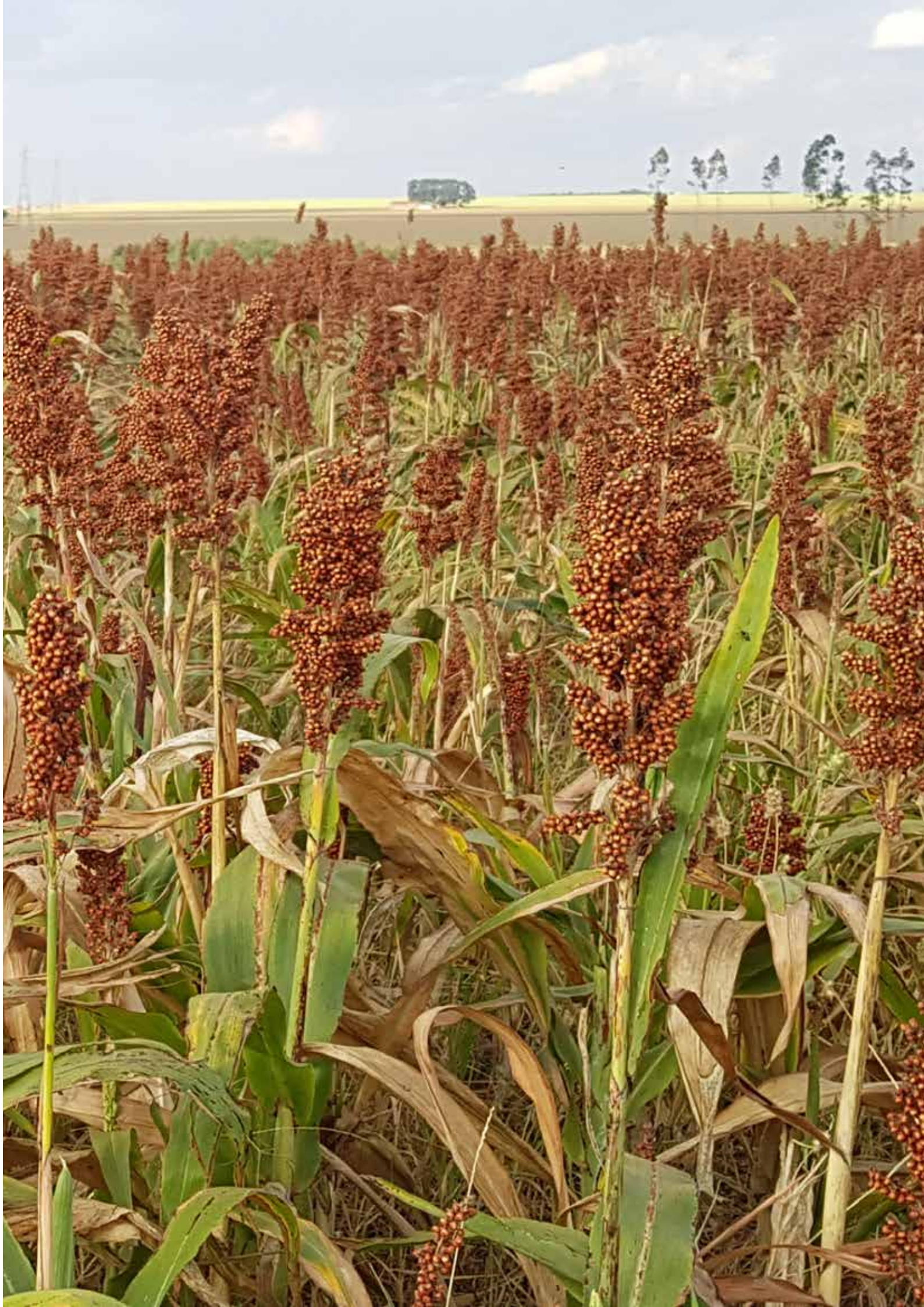
Aveia



Canola







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

